

A necrópole visigótica do Padrão (Raposeira, Vila do Bispo)

MÁRIO VARELA GOMES*, LUÍS CAMPOS PAULO**

RESUMO

Os testemunhos agora dados a conhecer foram detectados no âmbito de escavações arqueológicas cujo objectivo era o estudo de jazida do Neolítico Antigo.

Na área investigada identificaram-se dez sepulturas, com diferente constituição e espólio, de que se escavaram apenas cinco.

Além de diverso material antropológico, foram exumados alguns artefactos dele coevos, como seis contas de pasta vítrea e brinco de bronze, permitindo ajudar à reconstituição de aspectos do ritual funerário.

Podemos concluir que o cemitério referido deve corresponder a pequena aldeia ou a conjunto de casais agrícolas, de comunidades cristãs que exploraram, nos séculos VIII e IX, os terrenos cerealíferos da zona envolvente e, portanto, em pleno período de administração islâmica daquele território.

Palavras-chave: necrópole – visigótico – moçárabe

ABSTRACT

The remains now published were detected during archaeological excavations, whose main goal was the study of an Early Neolithic settlement.

In the digged area there were identified ten graves, which have a different constitution and goods, but only five of those graves were explored. Beside various

* Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, n.º 26-C, 1069-061 Lisboa).

** Arqueólogo da Câmara Municipal de Albufeira. Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira. (Largo da República, n.º 1, 8200 Albufeira).

anthropological material, there were exhumed some contemporary artifacts, like six vitreous beads and a bronze earring, which helped us in the reconstitution of the funerary ritual.

We can concluded that the referred cemetery must correspond to a small village or to a group of agricultural explorations, of Christian communities that worked, in the VIIIth and IXth centuries, the cerealiferous soils of the surrounding area and, therefore, in the period of the Islamic administration of that territory.

Keywords: necropolis – Visigothic – Mozarabic

1. IDENTIFICAÇÃO

Na sequência da inventariação dos menires do concelho de Vila do Bispo, um de nós (M. V. G.) procedeu, em 1984, ao registo de tais monumentos nas zonas de Milrei e Padrão, na freguesia da Raposeira, tendo identificado restos de materiais construtivos romanos e tardo-romanos naquele último local (Gomes e Silva, 1987, p. 52).

Na mesma data foram realizadas sondagens junto aos menires 1 e 2 do Padrão, verificando-se a existência de estrutura de combustão, contendo alguns artefactos e restos de fauna, à qual se anexava pequeno empedrado. Obteve-se, então, datação pelo método do radiocarbono para amostra constituída pela fracção interna de valvas de berbigão (*Cerastoderma edule*) e que indicou cronologia de 6800 ± 50 B.P. Esta, uma vez corrigida para o efeito de reservatório oceânico e calibrada a 2 *sigma*, mostrou intervalo situado entre 5480-5242 cal. A. C. (I CEN-645) (Gomes, 1994; 1997; Gomes e Silva, 1987, p. 53, 54).

Trabalhos ulteriores, efectuados no Verão de 1994, integrados no «Projecto de Estudo, Recuperação e Valorização dos Monumentos Megalíticos do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina – Concelho de Vila do Bispo», dirigidos pelo primeiro signatário e subsidiados, através da Associação SOS Sudoeste, pela Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, pretendiam localizar a estrutura de implantação do menir 1 do Padrão, estudar a sua tipologia, como as relações do monumento com o habitat neolítico antes detectado. Importava, afinal, datar o menir e melhor caracterizar a jazida neolítica, em termos espaciais, os testemunhos da cultura material ali existentes e os ecofactos, mas ainda determinar a sua amplitude cronológica e significado económico-social, dado tratar-se de um dos mais antigos sítios correspondendo a sociedade produtora de alimentos do Sudoeste Peninsular.

A intervenção arqueológica deveria, também, oferecer informação de modo a podermos reerguer o menir 1 para, num futuro próximo, se proceder de igual modo com muitos outros monólitos daquela zona e se processar a sua musealização.

A área escavada, abrangendo 80 m², evidenciou, de modo claro, dois grandes períodos de ocupação humana do sítio, com expressão estratigráfica. Um, mais remoto, pertencente ao Neolítico Antigo e outro, muito ulterior, atribuível à Alta Idade Média, mais precisamente ao Período Visigótico e Islâmico.

Aquele último encontra-se representado por dez sepulturas e algum material disperso, tendo-se já a ele aludido (Gomes e Paulo, 2002, p. 374, 385, 386).

2. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE NATURAL

A necrópole agora dada a conhecer situa-se em pequena elevação, atingindo 89 m de altura máxima, alongada no sentido norte-sul. A 1 km a nascente existe linha de água que desagua na praia do Zavial, a 2 km para sudeste e onde, na Antiguidade, se desenvolveria pequeno estuário. Para ocidente daquela praia encontra-se a da Ingrina, também com antiga área estuarina. A 500 m para poente do Padrão corre a ribeira da serra da Borges, que conflui com a ribeira de Benaçoitão, desaguando esta no oceano, na praia do Barranco, 2 km para sul (Fig. 1).

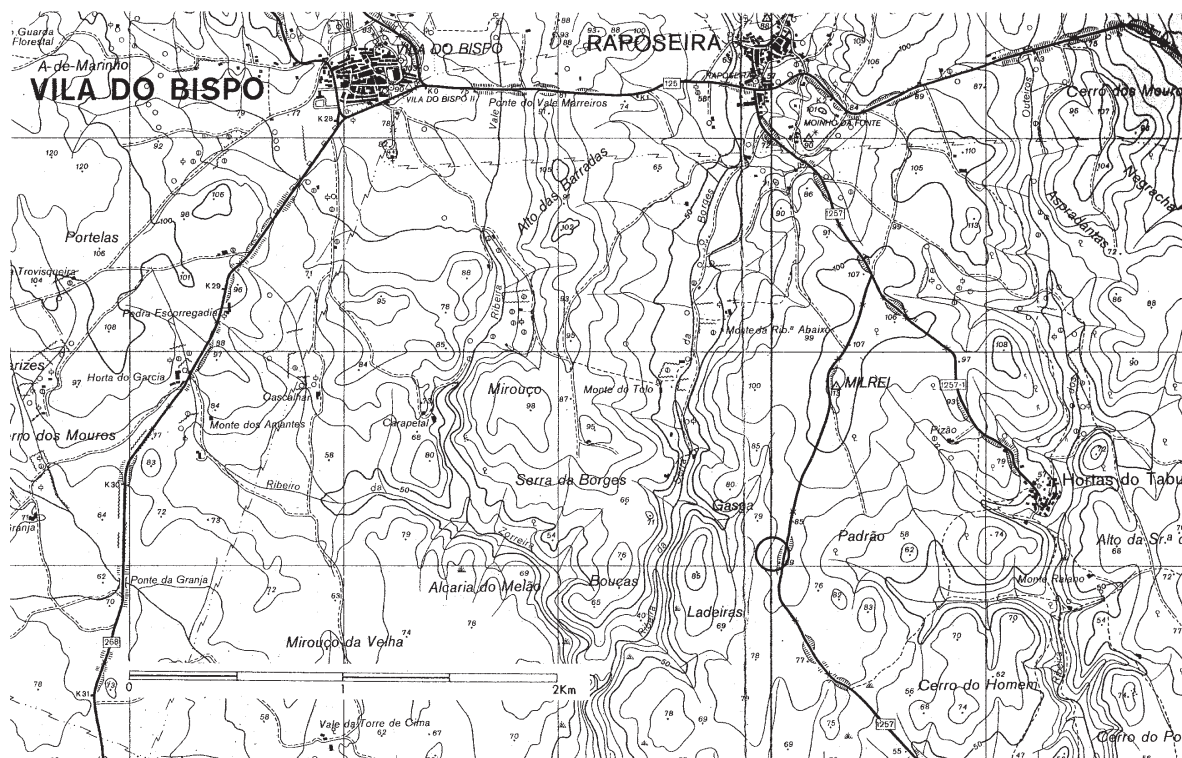


Fig. 1 – Localização da necrópole do Padrão (Raposeira, Vila do Bispo) (seg. a C.M.P., n.º 601, Vila do Bispo, esc. 1/25000, S.C.E., 1977).

Aquele local, a aproximadamente 1 km sul-sudoeste do vértice geodésico Milrei e imediatamente a poente da EN 1257, dista 2 km para sul da povoação da Raposeira.

O sítio referido pertence à freguesia da Raposeira, ao concelho de Vila do Bispo e ao distrito de Faro. As suas coordenadas Gauss, aproximadas, são: W 329 112 (segundo a *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 601, Vila do Bispo, esc. 1/25000, S.C.E., 1977).

O substrato rochoso é constituído por calcários do Liássico e do Caloviano/Batoniano-Aaleniano.

O topónimo Padrão deve-se à presença de volumoso menir existente na área da necrópole (menir 1), hoje erguido e muito visitado.

3. METODOLOGIA E MEIOS

Os trabalhos de campo, devidamente autorizados pelo Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico, decorreram durante todo o mês de Agosto de 1994, tendo-se, depois, processado ao tratamento, inventariação e estudo das estruturas e materiais exumados. O relatório respectivo foi superiormente aprovado e, por solicitação de um de nós (M.V.G.), foi requerida a classificação do menir 1 do Padrão, como Imóvel de Interesse Público (Fig. 2).

Depois da limpeza manual da vegetação, que proliferava em toda a estação arqueológica, alcançando em algumas zonas altura considerável, marcaram-se no terreno vinte quadrados, medindo 2 m de lado cada um deles, que se numeraram sequencialmente conforme o avanço dos trabalhos. A exploração realizou-se por

quadrados e nestes por camadas ou por estruturas, sendo os espólios exumados referenciados, de acordo com aquelas unidades de escavação. Crivaram-se todas as terras removidas.

As estruturas descobertas foram devidamente registadas, através de cobertura fotográfica, a preto e branco e por diapositivos a cores, assim como por levantamento desenhado, com plantas e cortes, produzido às escalas 1/20 e 1/10 (Fig. 3).

Tanto o terreno como todas as estruturas descobertas foram



Fig. 2 – Vista, de poente, da área escavada da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94-16).

cotadas, com valores absolutos, obtidos a partir da torre da igreja matriz de Vila do Bispo.

Além do subsídio concedido pela Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, a cujo director, Dr. João Serranito Nunes, devemos agradecer, a associação SOS Sudoeste, na pessoa da sua presidente, Dr.^a Dina Salvador, proporcionou diverso apoio logístico e a resolução de múltiplas questões decorrentes do andamento dos trabalhos. A Câmara Municipal de Vila do Bispo facultou ferramentas e duas carradas de areia, para protecção das estruturas exumadas, no final da escavação.

Contámos com a colaboração das Dr.^{as} Marisa Pires Marques, Margarida Ataíde e Cristina Gaspar, tal como do Dr. Luís Corado Alves, de três estudantes do ensino liceal, de Vila do Bispo, e com dois trabalhadores não especializados, contratados através do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

O levantamento desenhado é da autoria de Cristina Gaspar e de Mário Varela Gomes, que também executou a cobertura fotográfica, devendo-se o desenho do espólio a Ana Machado, Cristina Gaspar e Joana Gonçalves.

O estudo do espólio osteológico humano é da responsabilidade de um de nós (L.C.P.), cumprindo-nos agradecer ao Dr. Manuel Paulo, anátomo-patologista e médico legista do Instituto Nacional de Medicina Legal, Delegação de Lisboa, a ajuda e os diversos esclarecimentos prestados naquela tarefa.

A maior parte do material antropológico apresentava-se em avançado estado de destruição, sobretudo ao nível do perióstio e das superfícies externas das raízes e esmalte dos dentes, oferecendo múltiplas fracturas cominutivas por esmagamento *post-mortem*, devido à compressão das terras e a outros processos tafonómicos. Por outro lado, muitos ossos e dentes, igualmente dadas as condições da jazida, sofreram processo de «fossilização», isto é, a substituição da matéria orgânica por compostos minerais, fragilizando a textura dos tecidos e tornando-os muito deterioráveis (Campillo, 2001, p. 40).

Todos aqueles factores condicionaram, naturalmente, o exame antropológico e o diagnóstico patológico. Após as colagens possíveis de diversos fragmentos, e da sua descrição, o espólio foi etiquetado individualmente e ensacado. A descrição macroscópica foi realizada para cada osso ou dente, segundo metodologia por nós anteriormente seguida (Gomes, Paulo, Ferreira e Ramos, 2002; Paulo, 1999), procedendo-se à determinação dos possíveis valores osteométricos, identificação do sexo, idade, estatura, morfotipo racial e patologias. Foi elaborado registo gráfico de cada osso em ficha osteológica e fotografadas as principais patologias.

O Instituto Tecnológico e Nuclear procedeu a duas datações, por radiocarbono, de amostras constituídas por restos humanos encontrados nas sepulturas 3 e 4, no âmbito do protocolo celebrado entre aquela instituição e o Instituto Português de Arqueologia. Os dois quadros (Fig. 30) onde se comparam datações

de amostras osteológicas procedentes de necrópoles visigóticas do Sul de Portugal foram amavelmente elaborados pelo Doutor Eng. António Monge Soares, a quem agradecemos a sua sempre pronta disponibilidade e as informações prestadas.

4. ESTRATIGRAFIA

A área escavada evidenciou sequência estratigráfica essencialmente constituída pelas seguintes quatro camadas:

Camada 1 – Formada por terra activa, não muito compacta, contendo abundantes elementos argilosos, com cor castanha, por vezes avermelhada e de tom escuro (5YR 4/6)¹. Muito revolvida pelos arados ao longo dos séculos, ofereceu raros materiais arqueológicos, designadamente pequenos fragmentos de cerâmica romana, tardo-romana e islâmica, com aspecto rolado. Cobria as sepulturas visigóticas e media cerca de 0,20 m de potência máxima;

Camada 2 – Corresponde a terras mais compactas que as da camada anterior, mostrando também forte matriz argilosa, mas de tom mais escuro (5YR 3/4). Pouco mexida, a não ser devido à abertura de fossas para instalação de sepulturas, entregou algum espólio neolítico. Cobria estrutura de combustão e empedrado anexo, neolíticos, atingindo, em alguns pontos, 0,40 m de espessura máxima;

Camada 3 – Nível quase lenticular de terras muito coesas e argilosas, de cor castanha escura (5YR 3/2), que embalavam numeroso espólio neolítico e assentavam no substrato. Media 0,05 m a 0,10 m de potência;

Camada 4 – Substrato calcário, de cor bege, cuja superfície mostrava-se, por vezes, muito alterada e de constituição pulverulenta. A maioria das fossas das sepulturas alto-medievais e a fossa da estrutura de sustentação do menir 1 encontravam-se abertas nesta camada.

5. ESTRUTURAS

A zona escavada deste cemitério proporcionou dez sepulturas. Todavia, dado que a área explorada foi restrita, apenas no lado sul parece termos encontrado os limites daquele, desconhecendo-se a sua verdadeira extensão.

Por falta de verbas e de logística apropriada, designadamente de antropólogo, durante os trabalhos de campo, optou-se por não escavar todas as sepulturas identificadas.

¹ Os índices cromáticos indicados referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, portanto, devem considerar-se como aproximados.

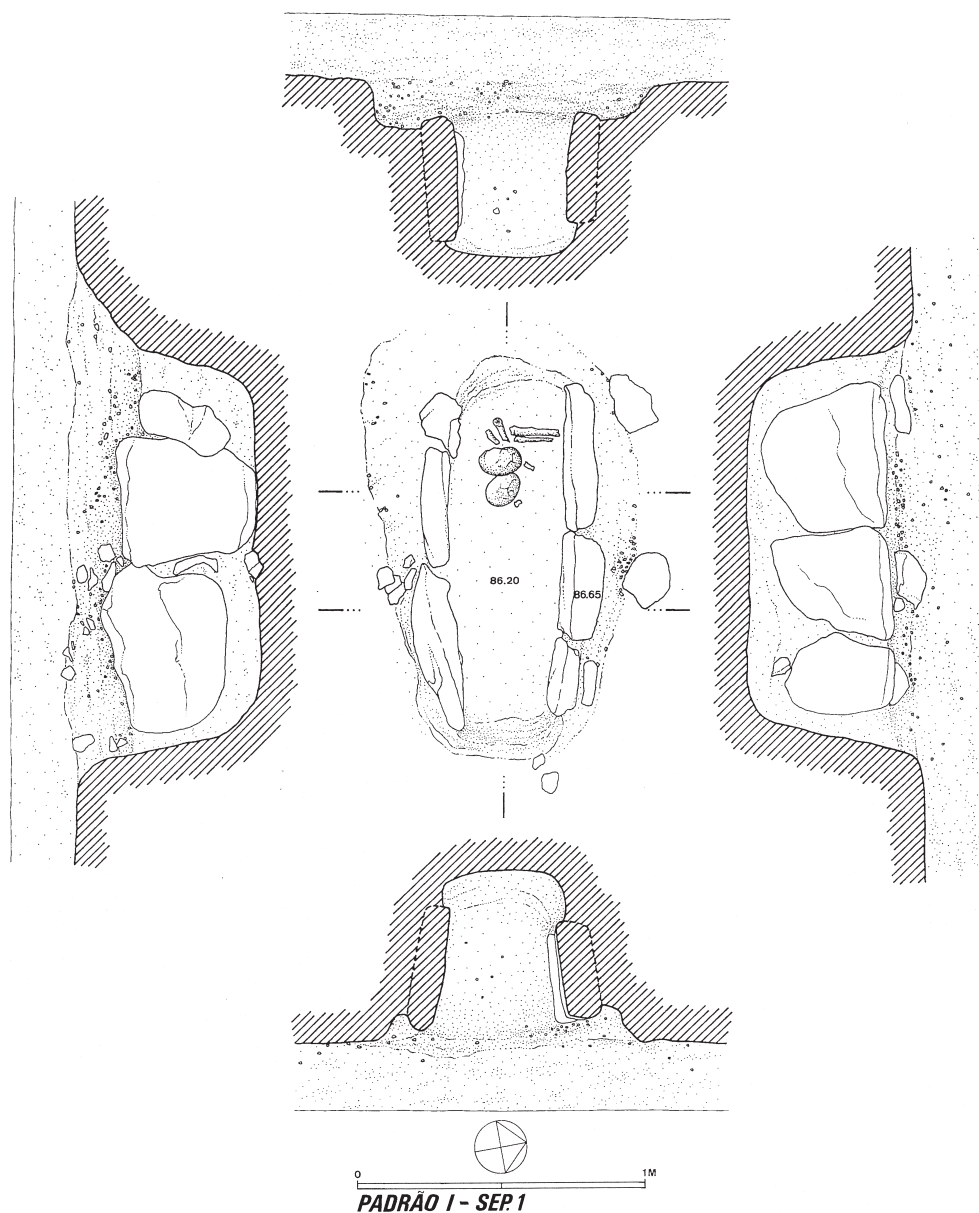


Fig. 4 – Planta e cortes da sepultura 1, da necrópole do Padrão (lev. C. Gaspar).

5.1. Sepultura 1 (Q9)

5.1.1. Arquitectura – Apresentava câmara de forma paralelepípedica, escavada no substrato, sendo revestida lateralmente por esteios de calcário, dispostos de cutelo, três em cada um dos lados. Media 1,20 m de comprimento, 0,40 m de largura e 0,45 m de profundidade máxima (Fig. 4).

Duas lajes e bloco de menores dimensões, também de calcário, selavam a câmara, que se encontrava repleta de terra (Figs 5 e 6).



Fig. 5 – Vista, de nordeste, da cobertura da sepultura 1, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RX/94-1).



Fig. 6 – Vista, de nordeste, da câmara da sepultura 1, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXIII/94-1).

5.1.2. Espólio antropológico – No topo do lado poente da câmara sepulcral recuperaram-se dentes, parte de calote craniana e de alguns ossos longos.

Inumação 1

Ossos da cabeça

Crânio. Doze fragmentos de reduzidas dimensões, possivelmente de parietais, com fino diploé, medindo cerca de 2 a 3 mm de espessura e mostrando suturas não consolidadas. **Dentes isolados.** Recolheram-se cinco exemplares.

N.º	Conserv.	Ântero-posterior	Transversal	Altura
14	Mutilação das raízes e sem atrição dentária.	9	7	6
17	Gérmen, muito degradado.	1	1,1	7
27	Gérmen, muito degradado.	1	1,1	8
37	Gérmen, com destruição do esmalte e parte da dentina.	1	1,1	7
47	Gérmen, com destruição do esmalte e parte da dentina.	1	1,1	6

Conservação e medidas dos dentes (em mm).

Inumação 2

Dente isolado.

N.º	Conserv.	Ântero-posterior	Transversal	Altura
27	Gérmen, muito degradado.	1	1,1	7

Conservação e medidas do dente (em mm).

Ossos longos. Fragmento do volume distal.

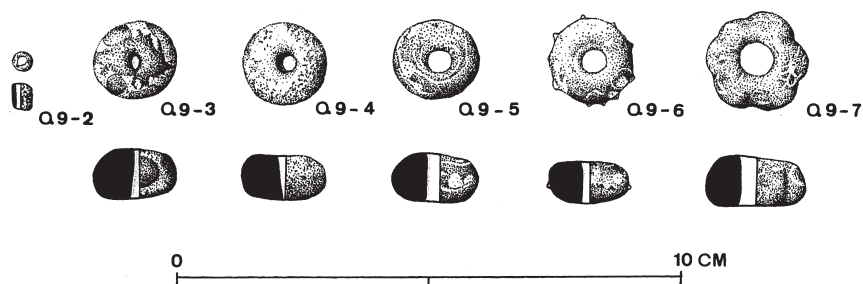


Fig. 7 – Espólio vítreo da sepultura 1, da necrópole do Padrão (des. C. Gaspar).

5.1.3. Acervo material – Sob os restos do crânio descobriram-se as seis contas de vidro que, a seguir, se descrevem (Fig. 7).

Conta tubular (PAD. Q9/SEP. 1-2). Fabricada com vidro, de cor negra, apresenta forma e perfuração, longitudinal, cilíndricas. Mede 0,005 m de comprimento e 0,004 m de diâmetro máximo.

Conta subsférica (PAD. Q9/SEP. 1-3). Produzida com vidro de cor negra, oferece forma esférica achatada, mostrando perfuração central troncocónica. Mede 0,017 m de diâmetro e 0,010 m de espessura máxima.

Conta subsférica (PAD. Q9/SEP. 1-4). Fabricada com vidro de cor negra, apresenta forma esférica achatada, mostrando perfuração central troncocónica. Mede 0,017 m de diâmetro e 0,009 m de espessura máxima.

Conta subsférica (PAD. Q9/SEP. 1-5). Foi fabricada com vidro de cor negra, mostra forma esférica achatada, oferecendo perfuração central cilíndrica. Mede 0,017 m de diâmetro e 0,010 m de espessura máxima.

Conta subsférica (PAD. Q9/SEP. 1-6). Produzida com vidro de cor negra, oferece forma esférica achatada, sendo provida de perfuração central cilíndrica. Mostra, no volume mesial, dez pequeníssimas aplicações esféricas. Mede 0,016 m de diâmetro e 0,008 m de espessura máxima.

Conta galonada (PAD. Q9/SEP. 1-7). Fabricada com vidro de cor negra, apresenta forma esférica achatada, com seis gomos, possuindo perfuração central cilíndrica. Mede 0,020 m de diâmetro e 0,010 m de espessura máxima.

5.1.4. Comentário. A um primeiro enterramento de indivíduo muito jovem (inum. 2), com quatro a cinco anos de idade, terá sucedido outro (inum. 1), de criança com sete a oito anos de idade, talvez do sexo feminino, a julgar pela presença do colar, formado por contas de vidro, que tinha ao pescoço. Os restos do primeiro inumado foram removidos para o topo poente da câmara sepulcral, para dar lugar ao segundo corpo.

5.2. Sepultura 2 (Q8)

5.2.1. Arquitectura. Esta estrutura encontrava-se parcialmente destruída, devido a violação antiga, conservando-se apenas parte da câmara funerária, escavada no substrato e orientada no sentido poente-nascente, tal como o revestimento, constituído por enormes telhas (*tegulae*), que a delimitavam no lado poente. Quatro destas jaziam, ainda, em posição subvertical (Figs 8 e 9).

A câmara funerária teria forma paralelepípedica, não entregou espólio, encontrando-se os restos antropológicos que guardou espalhados na área a nascente da sepultura. Esta media 1,20 m de comprimento, cerca de 0,50 m de largura e 0,45 m de profundidade.

As telhas foram fabricadas com pasta pouco homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão grosseiro. A cozedura fez-se em ambiente oxidante e tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são de cor vermelha clara (10R 6/8) ou de cor castanha muito clara (5YR 7/4). Oferecem característico bordo, de secção triangular, nos dois lados maiores do anverso e, no reverso, dois encaixes. Os quatro exemplares, quase completos, mediam 0,54 m × 0,44 m, 0,53 m × 0,41 m, 0,56 m × 0,45 m e 0,51 m × 0,43 m (Fig. 10).

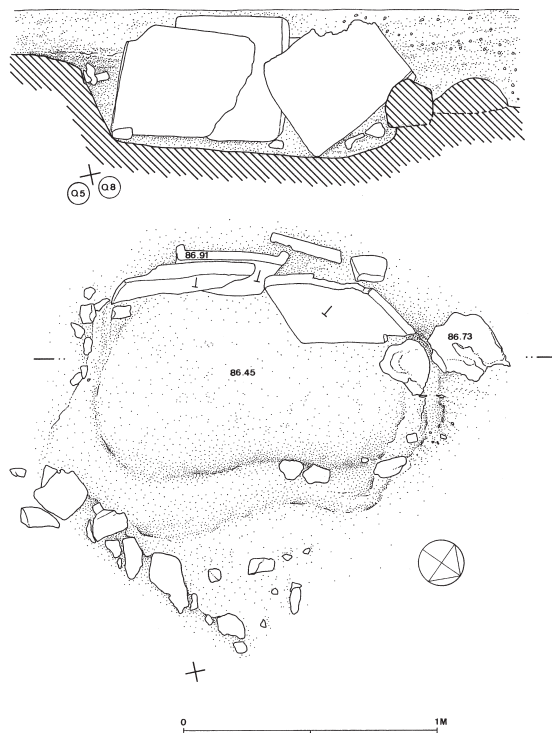


Fig. 8 – Planta e corte da sepultura 2, da necrópole do Padrão (lev. C. Gaspar).



Fig. 9 – Vista, de nordeste, da sepultura 2, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RX/94-25).

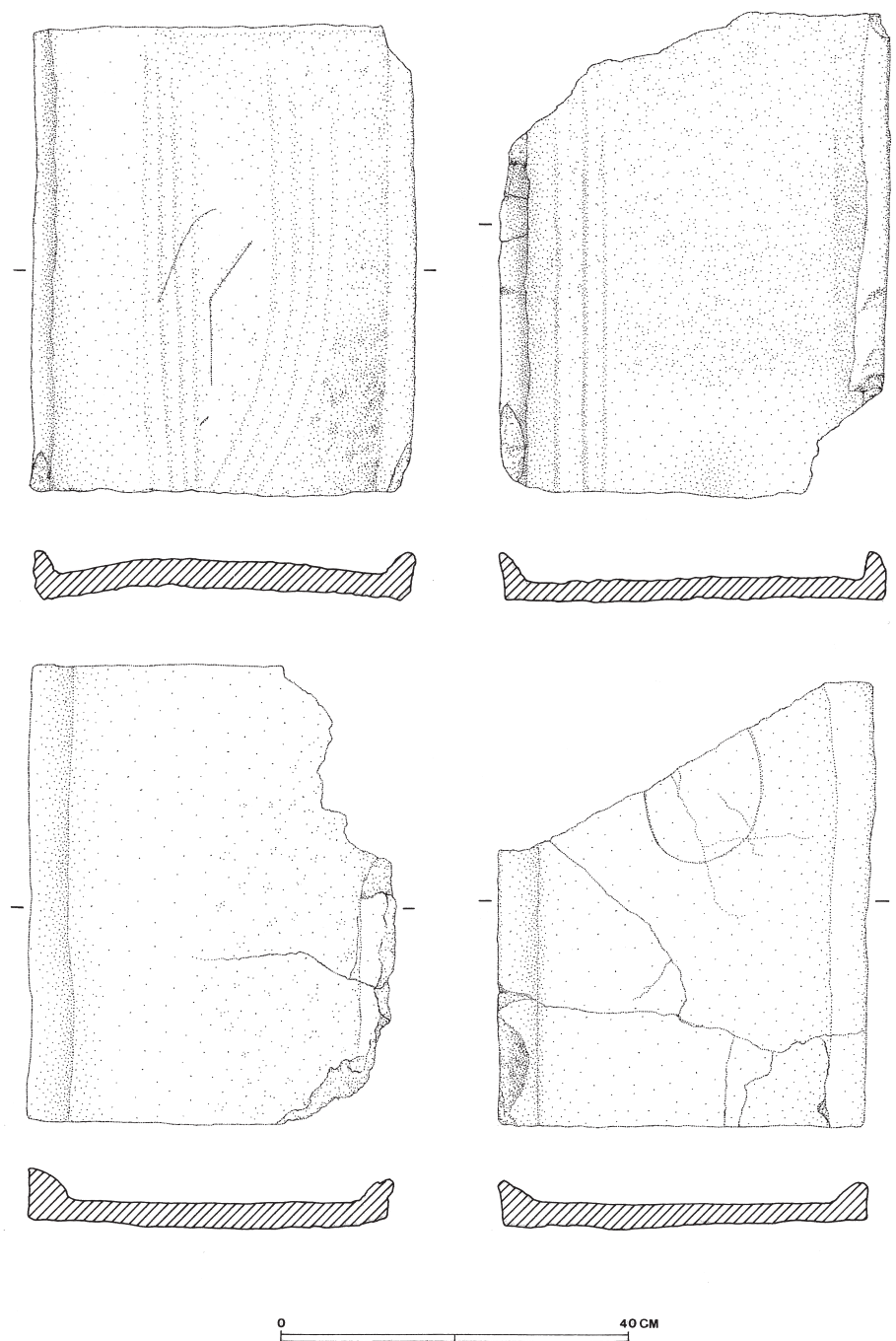


Fig. 10 – Telhas que constituíam o lado sul da sepultura 2, da necrópole do Padrão (des. J. Gonçalves).

5.2.2. Espólio antropológico. Os restos detectados pertenceram a dois indivíduos.

Inumação 1 (Fig. 11)

Ossos da cabeça

Dentes isolados. Identificaram-se os dentes 14, 15, 34 e 44, apresentando todos acentuada atrição dentária na face oclusal, com exposição da dentina secundária e parte da cavidade polpar. Não se observaram cáries dentárias ou depósitos de tártaro. Os dentes correspondem a indivíduo adulto, possivelmente com mais de 25 anos de idade.

N.º	Conserv.	Ântero-posterior	Transversal	Altura
14	completo	7	7	3
15	completo	8	7	3
34	completo	6	6	2
44	completo	6	6	4

Conservação e medidas dos dentes (em mm).

Ossos dos membros superiores

Rádio dir. Seis fragmentos, abrangendo a diáfise e a epífise proximal, apresentando esta diversas mutilações ao nível da cabeça. **Metacarpo.** Fragmento, de lado indeterminado, abrangendo apenas o terço mesial da diáfise.

Ossos dos membros inferiores

Fémur dir. Fragmento de epífise superior, abrangendo a cabeça e o colo, com mutilação completa do grande trocanter e a quase totalidade da cabeça. O nível de destruição inviabilizou determinação de valores osteométricos. **Perónio dir.** Terço superior da diáfise, abrangendo a epífise superior, que se apresentava muito mutilada. **Astrágalo esq.** Mostra acentuada destruição, com mutilação parcial do colo e da cabeça. **Astrágalo dir.** Apresenta-se muito destruído ao nível do perióstio. **Calcâneo esq.** Muito mutilado, abrangendo apenas parte das facetas articulares, postero-externa e ântero-interna, com o astrágalo e da superfície interna do corpo. Não permitiu determinações osteométricas. **Calcâneo dir.** Porção da superfície interna do corpo. **Ossos do tarso.** Três fragmentos, subsistindo somente o tecido esponjoso. **Metatarsos.** Dez fragmentos, em avançado estado de destruição, abrangendo parte mesial das diáfises, de lados indeterminados. Um corresponde ao terço mesial do primeiro metatarso.

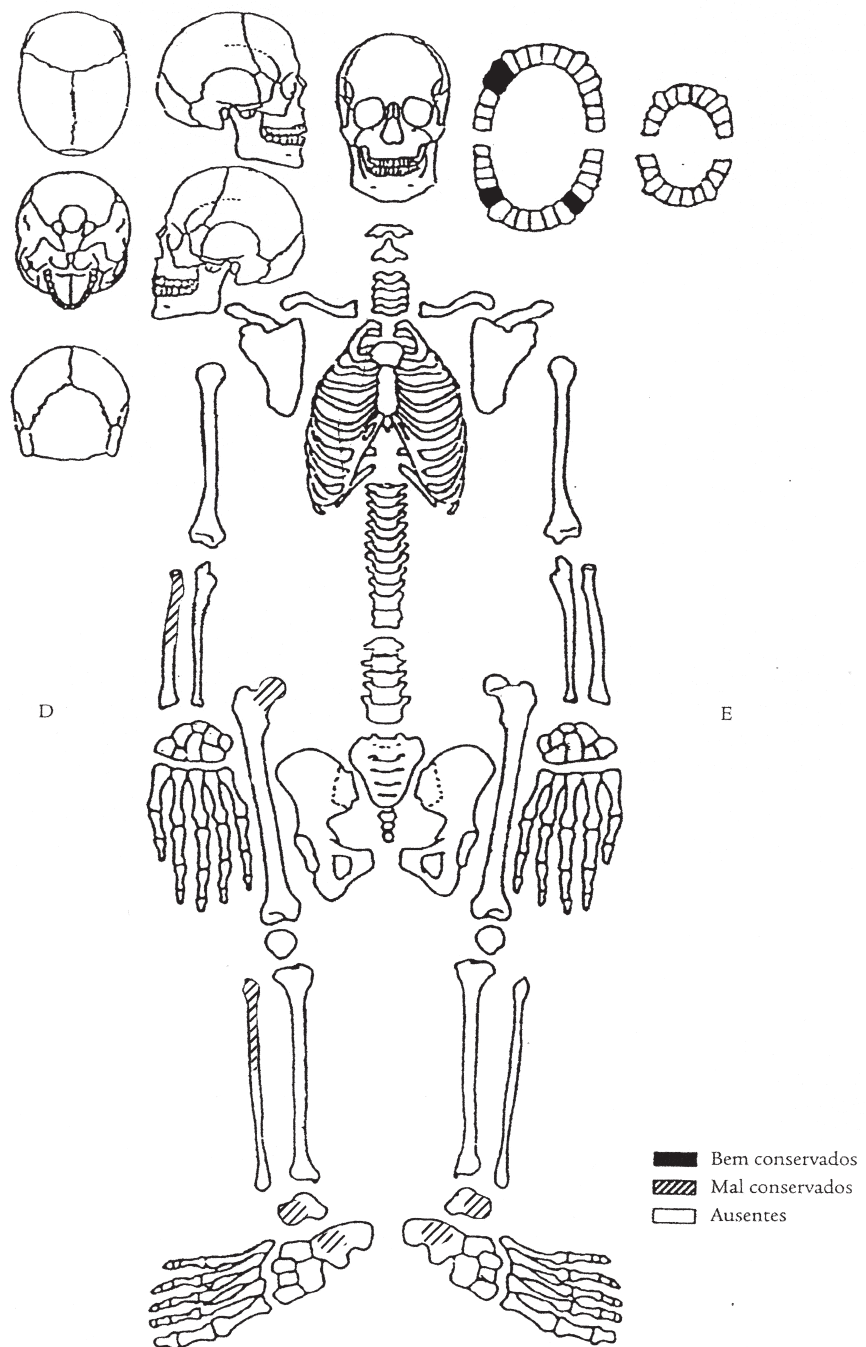


Fig. 11 – Espólio osteológico correspondente à inumação 1 da sepultura 2 (seg. L. C. Paulo).

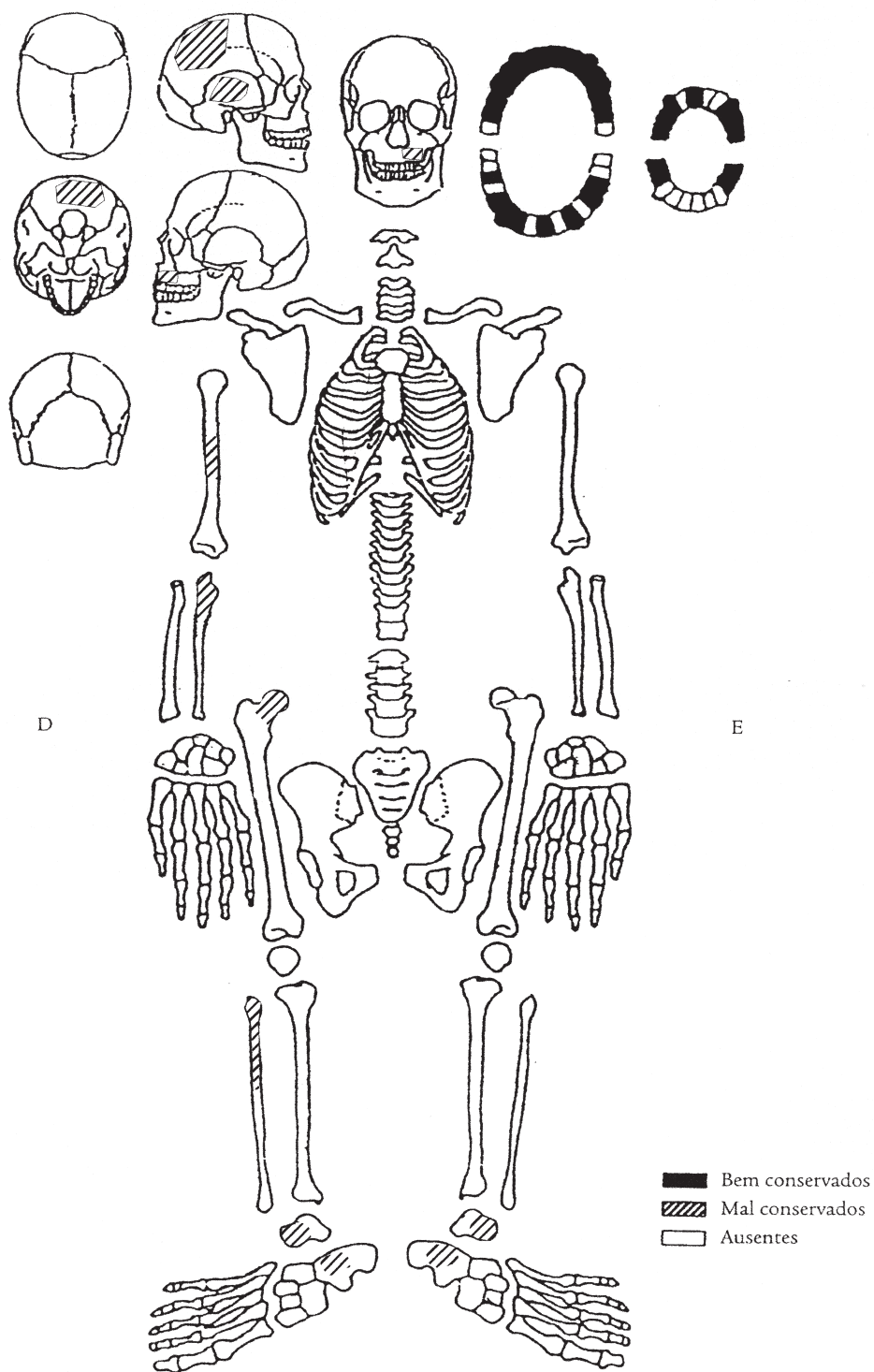


Fig. 12 – Espólio osteológico correspondente à inumação 2 da sepultura 2 (seg. L. C. Paulo).

Inumação 2 (Fig. 12)

Ossos da cabeça

Parietais. Três fragmentos abrangendo parte das suturas, não consolidadas, com diploé fino, medindo cerca de 3 mm de espessura e de lado indeterminado. **Temporal.** Três fragmentos de rochedo muito mutilado, de lado indeterminado. **Occipital.** Dois fragmentos abrangendo suturas não consolidadas e diploé muito fino, com cerca de 3 mm de espessura, compatível com o temporal anterior. **Ossos cranianos.** Setenta e um fragmentos, de reduzidas dimensões, correspondendo a parietais e a occipitais. **Maxilar.** Dois fragmentos, muito mutilados, um deles abrangendo os alvéolos habitados dos dentes 21, 22 e 23, e dos germens dentários desabitados de 61, 62 e parte do 63. O outro integra os alvéolos do 34 e do 35, estando este último desabitado.

N.º	Conserv.	Ântero-posterior	Transversal	Altura
21	completo	9	7	11
22	completo	5	6	9
23	completo	9	8	9
34	completo	7	7	6

Conservação e medidas dos dentes (em mm).

Dentes e germens isolados. Todos apresentam profundas alterações ao nível das superfícies da coroa e raízes, alguns com destruição completa do esmalte. O dente 11 mostra hipoplasias lineares do esmalte. O dente 65 apresenta mutilação completa de duas das três raízes e o dente 51, ou 61 (?), evidencia atrição dentária na superfície oclusal, com exposição da dentina primária.

N.º	Ântero-posterior	Transversal	Altura
11	7	9	1
12	7	9	9
13	8	8	9
14 (?)	9	8	6
15	8	6	5
16	12	10	10
17 (?)	1	9	4
24	9	7	6
25 (?)	7	6	4
26	12	10	10
27 (?)	8	9	5

→

31	6	6	9
33	7	7	8
36	10	11	9
42	6	6	1
43	6	6	8
44	7	7	6
46	12	11	6
51/61 (?)	5	7	6
53	6	7	7
54	9	7	6
55	10	9	6
63	7	7	7
64	9	7	6
65	10	9	6
74	9	7	5
75	9	11	5
84	7	9	6
85	9	11	6

Medidas dos dentes (em mm).

O nível de crescimento dentário deste indivíduo enquadra-se nos níveis 9-10, do quadro evolutivo de Schour e Massler, e relativamente à formação das coroas da dentição definitiva, no penúltimo e último grau definido por Massler, Schour e Poncher (Hillson, 1996, p. 135, 190, 191), correspondendo a criança com cerca de cinco a seis anos de idade.

Ossos dos membros superiores

Úmero. Fragmento pertencente ao terço inferior da diáfise, com mutilação completa da epífise inferior, de lado indeterminado. As reduzidas dimensões e morfologia são compatíveis com criança. **Cúbito.** Fragmento da extremidade proximal da diáfise, apresentando-se muito mutilado. **Cúbito ou rádio.** Quatro fragmentos de diáfises, de lados indeterminados.

Ossos dos membros inferiores

Fémur dir. Conserva-se porção da cabeça. **Peróneo dir.** Mostra parte da diáfise e a epífise superior. **Astrágalo esq.** Porção mal conservada. **Astrágalo dir.** Apresenta mutilações e exposição do tecido trabecular. **Calcâneo esq.** Fragmento muito deteriorado. **Calcâneo dir.** Porção contendo parte das facetas articulares.

5.2.3. Comentário. Identificaram-se restos de duas inumações, ambas com elevado nível de destruição dos vestígios osteológicos. Na inumação 1 a consolidação das epífises superiores do fémur e do perónio, o desenvolvimento eruptivo e o nível de atrição dentária, sugerem tratar-se de indivíduo adulto, com idade superior a 25 anos. Quanto à inumação 2, são os dentes que melhor a poderão caracterizar. O nível de crescimento dentário e o desenvolvimento das coroas daqueles, indicam tratar-se de criança, com cerca de cinco a seis anos de idade.

Apesar das profundas alterações verificadas ao nível do esmalte dentário, foi possível identificar hipoplasias lineares do esmalte no dente 11, e atrição dentária, com exposição da dentina primária na superfície oclusal, do dente 51 ou 61 (?).

5.3. Sepultura 3 (Qs 7 e 10)

5.3.1. Arquitectura. Era constituída por estreita fossa escavada no solo e orientada noroeste-sudeste, cujo fundo correspondia às lajes de cobertura de outra sepultura (sep. 5), tendo o corpo inumado repousado sobre aquelas. A fossa media 1,65 m de comprimento, 0,40 m de largura e não teria mais de 0,30 m de profundidade, jazendo o corpo quase à superfície do solo actual e tendo sido, muito provavelmente, coberto por *tumulus* de terra (Figs 13 e 14).

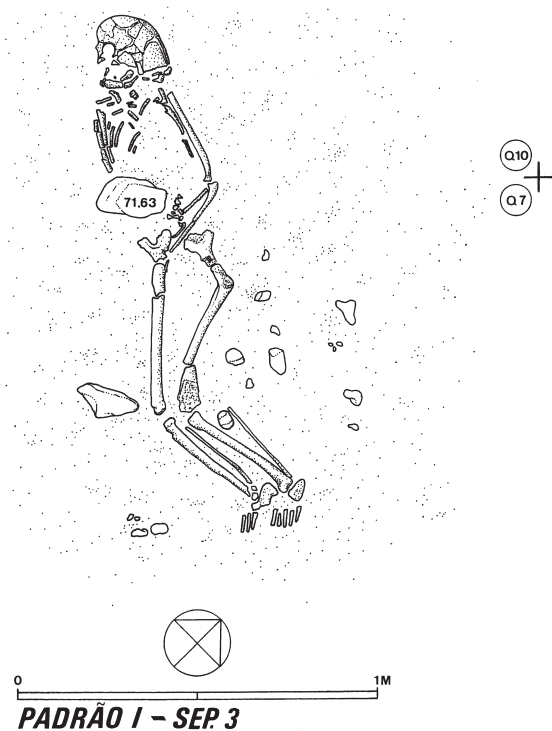


Fig. 13 – Planta da sepultura 3, da necrópole do Padrão (lev. C. Gaspar).



Fig. 14 – Vista, de nascente, da sepultura 3, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RX/94-17).

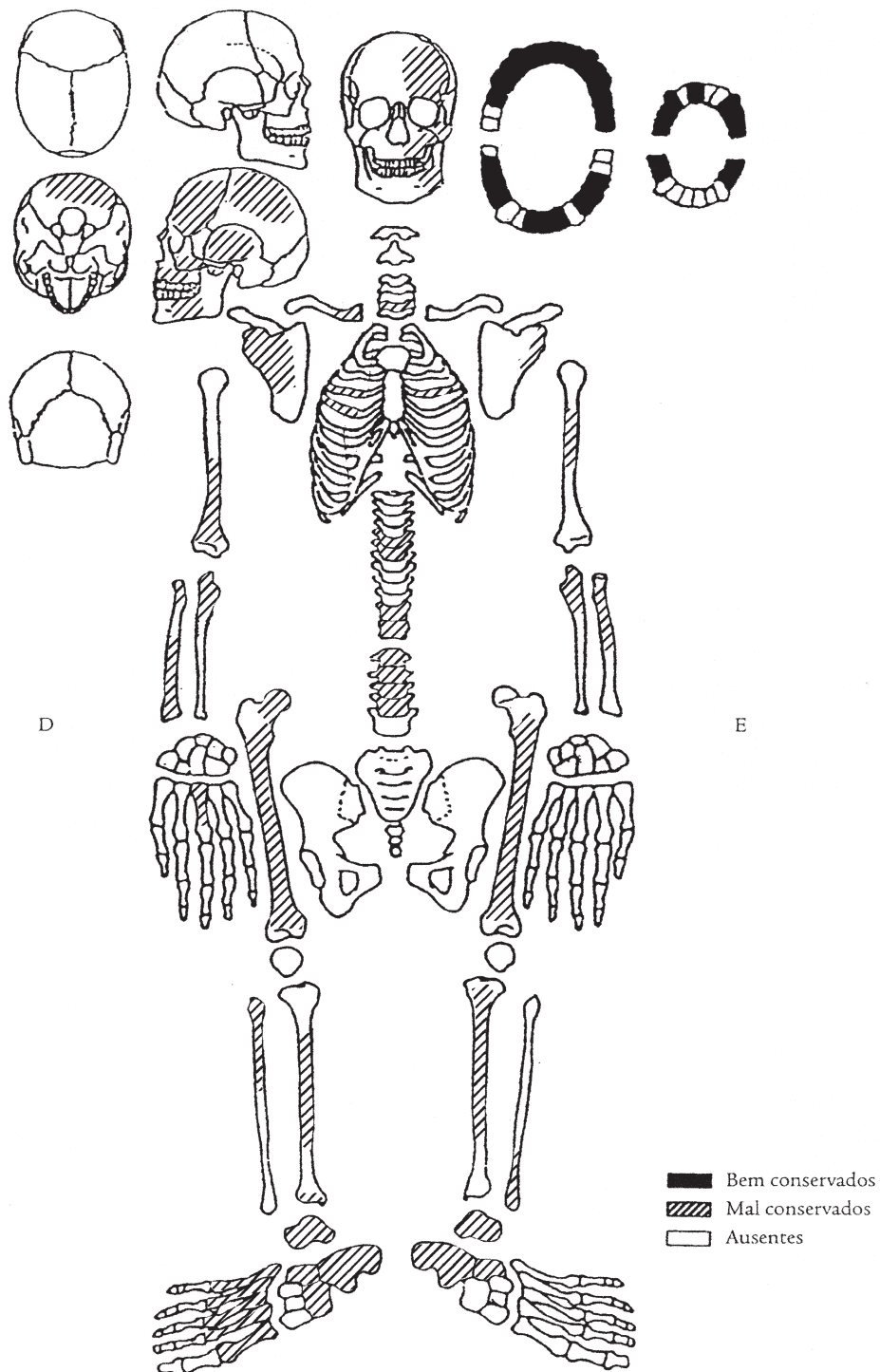


Fig. 15 – Espólio osteológico correspondente à inumação da sepultura 3 (seg. L. C. Paulo).

5.3.2. Espólio antropológico. Reconheceu-se esqueleto, de indivíduo adulto, depositado em *decubitus* lateral, com a cabeça voltada para noroeste e a face dirigida para sul. O braço direito jazia estendido ao lado do corpo e o esquerdo dobrado e com a mão sobre o baixo-ventre. As pernas estavam ligeiramente flectidas (Fig. 15).

Ossos da cabeça

Os ossos do crânio encontravam-se muito fragmentados, tendo sido registados *in situ*. **Frontal.** Constituído por três fragmentos, dois deles abrangendo porção do bordo da arcada orbitária esq., profusamente alterada ao nível do perióstio, devido às condições de jazida. O de maiores dimensões é constituído por parte do bordo da arcada orbitária, apófise orbitária externa esq. e parte da sutura coronal, consolidada e de tipo labiríntico, compatível com os restantes ossos cranianos. Apesar do estado de degradação do tecto da órbita, observam-se conglomerados de orifícios de diâmetro considerável, alguns já derivando para sulcos irregulares, sugestivos de hiperostose porótica (*criba orbitalis*) de tipo *b* ou *c*, da classificação de Knip (Campillo, 2001, p. 285). **Malar.** Fragmento abrangendo porção do corpo e da apófise zigomática. **Parietais.** Dezasseis porções que não deram colagem entre si, apresentando profundas alterações ao nível das superfícies de ambas tábuas, resultando das condições de jazida. Algumas delas abrangem parte de suturas consolidadas e de tipo labiríntico, apresentando áreas de apagamento na tábua interna, enquanto outras conservam os sulcos da ramificação das artérias meníngeas. O diploé é espesso, medindo cerca de 5 mm e correspondendo a indivíduo adulto. **Temporal esq.** Fragmento constituído por parte da escama e da região posterior da arcada zigomática, que aparentemente não ultrapassa o orifício do canal auditivo externo, sendo compatível com indivíduo do sexo feminino. **Temporal.** Dois pedaços abrangendo parte dos rochedos, de lado indeterminado. **Occipital.** Oito fragmentos muito destruídos, dois deles abrangendo porção da sutura lambdoideia, consolidada e de tipo labiríntico, correspondendo a indivíduo adulto de sexo não determinável, devido ao nível de destruição. **Esfenóide.** Três fragmentos muito destruídos. **Ossos indeterminados.** Trinta e três fragmentos de ossos do crânio não identificados. **Maxilar.** Fragmento abrangendo os dentes 25 e 26, e parte do bordo alveolar. Ambos apresentam profundas alterações ao nível das coroas, provocadas *post-mortem* e devido às condições de jazida, condicionando o estudo de possíveis patologias orais. Os dentes oferecem atrição dentária de baixo grau, não se identificando cárie dentária.

N.º	Ântero-posterior	Transversal	Altura
25	12	9	7
26	13	11	7

Medidas dos dentes (em mm).

Mandíbula. Fragmento do corpo mandibular do lado esq., mostrando o orifício mentoniano e parte do bordo inferior, abrangendo os alvéolos desabitados 34, 35 e 36, tal como parte do 33. **Dentes isolados.** Identificaram-se os dentes de 11 ao 16, do 21 ao 24, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 41, 44, 45, 46 (?) e 47. Todos os exemplares apresentavam profundas alterações *post-mortem*, na coroa e raízes, reconhecendo-se, em certos casos, a perda de parte do esmalte e do cimento, expondo a dentina. Nos dentes 11, 21, 22, 31, 32 e 41, observou-se atrição dentária na face oclusal, com exposição da dentina, podendo corresponder a má oclusão, com desvio para a esq. (Hillson, 1996, p. 279), ou a utilização mecânica dos dentes da frente. Os 16, 27, 36, 46 e 47 mostram vestígios sugestivos de atrição dentária, de baixo grau, sem exposição da dentina. O dente 22 apresenta raiz dupla não fundida, o 12 mostra mutilação do terço inferior da raiz, enquanto os 46 e 47 estão reduzidos à coroa. O nível de degradação dos dentes não permite identificar a presença de cáries dentárias, de tártaro ou de hipoplasias lineares do esmalte.

N.º	Ântero-posterior	Transversal	Altura
11	7	9	10
12	8	7	10
13	8	8	10
14	8	6	6
15	9	7	6
16	13	12	7
21	8	9	10
22	9	7	12
23	9	9	12
24	9	7	5
27	13	10	8
28	10	12	5
31	5	5	6
32	6	6	7
34	8	8	7
35	8	7	7
36	12	12	6
41	6	6	7
44	7	7	7
45	8	7	7
46 (?)	11	12	9
47	11	12	7

Medidas dos dentes (em mm).

Ossos do tronco

Sexta ou sétima vértebra cervical. Apresenta mutilação completa das extremidades das apófises espinhosa e transversa do lado dir. A altura anterior mede 12 mm e altura posterior 14 mm. **Quarta ou quinta vértebra dorsal.** Apresenta mutilação de parte do corpo e a totalidade das apófises espinhosa, transversas e articular superior esq. Nos bordos das superfícies articulares inferiores, observam-se exostoses ou osteofitoses de grau 3, da classificação de Stewart (Ubelaker, 1996, p. 85). **Quinta ou sexta vértebra dorsal.** Oferece mutilação parcial do corpo, bem como da totalidade das apófises transversais e espinhosa. Nos bordos das superfícies articulares inferiores observam-se, como na vértebra anterior, osteofitose de grau 3 da mesma classificação. **Décima primeira vértebra dorsal.** Mostra parte do corpo, com mutilação da face anterior do mesmo. A lâmina evidencia destruição completa das apófises transversal esq. e espinhosa, assim como parte da transversal dir. Nos bordos da superfície articular superior observa-se osteofitose de grau 2 e, nos bordos da superfícies articular inferior, osteofitose de grau 4, da classificação de Stewart. No bordo do disco inferior do corpo vertebral encontram-se sinais sugestivos de osteofitose de grau 3, da sistematização mencionada. **Décima segunda vértebra dorsal (?).** Apresenta pequena porção do corpo e parte da lâmina, com destruição completa das apófises transversa e articular superior dir. Na face interna do orifício medular são visíveis vestígios de pequenos espessamentos das paredes, sem o estenosar. **Vértebras indeterminadas.** Corpo com mutilação completa da lâmina e do disco superior, assim como de parte do inferior, e fragmento de lâmina vertebral, aparentemente dorsal, indeterminada. **Primeira vértebra lombar.** Fragmento apresentando apenas parte da lâmina, com destruição completa das apófises espinhosa e transversa, assim como parte das articulares superiores. Um outro pertenceu provavelmente ao corpo e apresenta destruição completa do disco superior e de parte do inferior. **Segunda vértebra lombar.** Mostra mutilação de parte da face anterior do corpo, de ambas apófises transversas, de parte das espinhosas e das articulares superiores. Nos bordos dos discos vertebrais superior e inferior, do lado dir., observa-se formação osteofítica marginal horizontal, de grau 1 ou 2, da tabela de Stewart (Ubelaker, 1996, p. 85). Os discos consolidados indicam tratar-se de indivíduo adulto. **Terceira vértebra lombar.** Apresenta mutilação da quase totalidade do corpo e da lâmina, com destruição completa das apófises espinhosa, transversais e articular superior dir. No corpo observa-se elevado nível de destruição, sendo visível no disco inferior pequena depressão, medindo cerca de 7 mm de diâmetro máximo e 3 mm de profundidade, compatível com nódulo de Schmorl. **Quarta vértebra lombar.** Conserva apenas parte do corpo e da lâmina vertebral, estando ausentes as apófises espinhosa e transversas.

N.º vértebra lombar	Altura anterior	Altura posterior
2	27	27
4	27	27

Medidas das vértebras (em mm).

Segundo o índice vertebral de Cunningham ($= \frac{\text{altura posterior} \times 100}{\text{altura anterior}}$),

as vértebras lombares deste indivíduo classificam-se no tipo rectangular (valores entre 98.0 a 101.9) (Campillo, 2001, p. 115).

Vértebras indeterminadas. Oito fragmentos, muito destruídos, correspondendo essencialmente a apófises espinhosas e transversas. **Costelas.** Vinte e dois fragmentos da região mesial, sendo apenas dois das extremidades, compatíveis com indivíduo adulto.

Ossos dos membros superiores

Clavícula dir. Fragmento abrangendo apenas parte da diáfise e epífise proximal, apresentando diversas mutilações. **Omoplata esq.** Fragmento contendo porção do bordo anterior, ou axilar, e parte da cavidade glenoideia. **Omoplata dir.** Fragmento abrangendo parte da cavidade glenoideia, bordo anterior ou axilar, parte do colo e da fossa subescapular. **Omoplata.** Seis fragmentos, de lados indeterminados, dois deles oferecendo porção da apófise coracoide, e outros dois correspondendo apenas às porções mesial da espinha. **Úmero esq.** Dois fragmentos, apresentando mutilação da epífise superior e parte da inferior. Media 275 mm de comprimento, 18 mm de diâmetro ântero-posterior e o diâmetro transversal da diáfise é de 15 mm. **Úmero dir.** Seis fragmentos, abrangendo 2/3 da diáfise e parte da epífise inferior, com mutilação completa do côndilo e do epicôndilo. O nível de destruição não permite determinações osteométricas. **Cúbito esq.** Fragmento da epífise superior, com destruição completa do olecrânio. **Cúbito dir.** Três fragmentos, abrangendo toda a diáfise e epífise superior, encontrando-se esta muito mutilada, com ausência da apófise coronoide e olecrânio. **Cúbito.** Quatro porções do terço mesial da diáfise, não sendo possível determinar o lado a que pertence. **Rádio esq.** Dois fragmentos, um abrangendo parte superior da diáfise, com mutilação da cabeça. Na tuberosidade bicipital observam-se sinais sugestivos de entesopatia. O outro corresponde ao terço inferior da diáfise, com destruição completa da epífise e profundas alterações ao nível do periósteo, devidas a factores tafonómicos. **Rádio dir.** Fragmento da epífise superior, metade inferior da diáfise e epífise distal, apresentando esta diversas mutilações. **Terceiro metacarpo dir.** Apresenta mutilação da epífise distal. **Quinto metacarpo.** Muito mutilado, de lado indeterminado. **Metacarpos.** Cinco fragmentos de lados indeterminados, correspondendo essencialmente à por-

ção mesial da diáfise, com destruição completa das epífises. O perióstio encontra-se muito danificado. **Falanges.** Quatro fragmentos de diáfises, muito mutilados, de lados indeterminados. Um deles corresponde possivelmente à primeira falange.

Ossos dos membros inferiores

Fémur esq. Quatro fragmentos, apresenta mutilação do colo, do grande e do pequeno trocânteres, das faces externas da epífise inferior e do côndilo do lado esq. O bordo anterior ou linha áspera é pouco saliente e aparentemente sem rugosidades musculares, sendo compatível com indivíduo do sexo feminino. Os valores osteométricos apresentados devem ser considerados aproximados, devido ao nível de degradação dos testemunhos. Mede 435 mm de comprimento máximo, 21 mm de diâmetro ântero-posterior e 29 mm de diâmetro transversal da diáfise.

Índice de platimeria = $\frac{\text{diâmetro ântero-posterior} \times 100}{\text{diâmetro transversal}} = 72.4$ (corresponde a platimeria)

Fémur dir. Dois fragmentos. Um contém grande parte da diáfise, com mutilação completa do grande trocânter, bem como porção do colo e da cabeça. Detectam-se, ao longo de todo o osso, alterações ao nível do perióstio, provocadas pelas condições de jazida. O outro abrange o terço inferior da diáfise e parte da epífise inferior, sendo constituído essencialmente por tecido esponjoso. Apesar das alterações que a diáfise apresenta, observa-se o bordo posterior ou linha áspera ligeiramente saliente e sem sinais de rugosidades musculares, sendo compatível com indivíduo do sexo feminino. Apenas foi possível determinar o diâmetro ântero-posterior da diáfise, medindo cerca de 22 mm, e o diâmetro transversal da mesma, com cerca de 27 mm. O ângulo de inclinação (cabeça-colo) é de 120°. O índice de platimeria é de 81,5, correspondendo a platimeria. **Tíbia esq.** Apresenta destruição parcial da epífise superior, conservando apenas parte do tecido trabecular e mostrando mutilação completa da epífise inferior. O perióstio mostra profundas alterações ao longo de toda a diáfise. É visível, macroscopicamente, o adelgaçamento do terço superior da diáfise, confirmado com as medições. Mede 30 mm de diâmetro ântero-posterior e 17 mm de diâmetro transversal.

Índice de platicnemia = $\frac{\text{diâmetro transversal} \times 100}{\text{diâmetro ântero-posterior}} = 56.6$ (corresponde a platicnemia)

Tíbia dir. Seis fragmentos da diáfise, com destruição completa da epífise superior, apresenta diversas mutilações ao nível do perióstio. Um fragmento da parte distal da epífise inferior abrange apenas a superfície articular com o astrágalo e sector do maléolo interno. Media 340 mm de comprimento, 30 mm de diâmetro

ântero-posterior e o diâmetro transversal é de 18 mm. O índice de platicnemia é 60, o que corresponde a platicnemia. **Perónio esq.** Apresenta parte da diáfise e da epífise inferior, com mutilação completa da superior e da face anterior da diáfise. O nível de destruição não permitiu determinar valores osteométricos. **Perónio dir.** Constituído por grande parte da diáfise, observa-se mutilação completa de ambas epífises. **Perónio.**

Pedaços de diáfise, de lado indeterminado, mostrando textura semelhante aos exemplares anteriormente descritos. **Astrágalo esq.** Apresenta diversas mutilações, com exposição do tecido trabecular, na face posterior. Mede 58 mm de comprimento máximo. **Astrágalo dir.** Mede cerca de 63 mm de comprimento máximo. **Calcâneo esq.** Oferece pequenas mutilações em todo o perióstio, tendo em algumas partes apenas subsistido o tecido trabecular. Mede 89 mm de comprimento máximo. **Calcâneo dir.** Dois fragmentos, um abrangendo as facetas articulares postero-externa e ântero-interna com o astrágalo, enquanto que o outro apresenta apenas a extremidade posterior. **Escafóide dir.** Muito destruído, ao nível da superfície externa. **Cubóides.** Dois de lados opostos, muito fragmentados. **Metatarsos.** Primeiro do lado dir., medindo 64 mm de comprimento máximo e 24 mm de diâmetro máximo em ambas extremidades. Segundo dir., apresentando mutilações na extremidade proximal e medindo 75 mm de comprimento máximo. Terceiro, possivelmente do lado dir., mostra destruição completa da epífise distal e pequenas mutilações na epífise superior. Quarto metatarso dir., com mutilação completa da epífise distal. Quinto metatarso, possivelmente do pé dir., conservando apenas parte da epífise proximal e da diáfise. **Falanges.** Três primeiras falanges do pé, sendo uma possivelmente do lado dir., mostrando pequenas mutilações ao nível de ambas epífises, e as restantes, de lado indeterminado, conservando apenas parte da diáfise e da epífise superior.

Outros ossos

Ossos longos indeterminados. Cinquenta e duas esquirolas, com exposição de tecido trabecular.

5.3.3. Acervo material. Junto ao crânio recolheu-se brinco, em forma de argola (Fig. 16).

Brinco (PAD. Q10/SEP. 3-1). Foi produzido em cobre/bronze/latão (?) e oferece aro subcircular, com secção circular. Em uma das extremidades mostra remate, ligeiramente espessado e com decoração formada por três molduras circulares justapostas. Mede 0,030 m de diâmetro e 0,002 m de espessura.

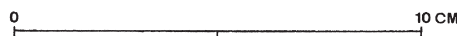
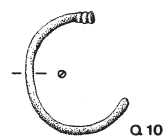


Fig. 16 – Espólio metálico da sepultura 3, da necrópole do Padrão (des. C. Gaspar).

5.3.4. Comentário. O espólio antropológico correspondente à inumação desta sepultura encontra-se muito fragmentado e com profundas alterações ao nível do perióstio, sobretudo dos ossos longos.

No entanto, os elementos identificados no fragmento do temporal esquerdo e dos dois fémures, indicia corresponder a indivíduo do sexo feminino. Os valores osteométricos deste último osso, sugerem indivíduo com cerca de 1,58 m de estatura, segundo a tabela de Manouvrier (Testut e Latarjet, 1941, p. 5).

O desenvolvimento de erupção dentária, a sinostização das epífises dos ossos longos e das suturas cranianas, a par das patologias degenerativas que se observam, permitem que consideremos tratar-se de indivíduo com mais de 35 anos de idade à altura da morte.

Reconheceram-se diversas patologias, de carácter metabólico, osteoarticular e traumático. No osso frontal, mais precisamente no tecto da órbita esquerda, identificaram-se sinais sugestivos de hiperostose porótica (*criba orbitalis*) dos graus b ou c, da classificação de Knip.

Na coluna dorsal e lombar, observam-se nos bordos das superfícies articulares inferiores (D4/5 ? e D5/6?) ou conjuntamente nas articulares superiores (D11), e nos bordos dos discos vertebrais superior e inferior (L2), osteofitoses de grau 2(L2), 3 (D4/5? e D5/6?) e 4 (D11), da classificação de Stewart.

No disco inferior do corpo da terceira vértebra lombar (L3), reconheceu-se pequena depressão compatível com nódulo de Schmorl.

Conforme salientámos anteriormente, o estado de degradação dos dentes não permitiu identificar possíveis patologias odontológicas. No entanto, o nível de atrição dos dentes 11, 21, 22, 31, 32 e 41, podem indicar má oclusão, com desvio para a esquerda, ou utilização mecânica e continuada dos dentes da frente.

O grau de achatamento ântero-posterior das diáfises de ambos fémures correspondem a platimeria. Relativamente aos índices de platincemia, que estabelece a relação entre o diâmetro ântero-posterior e o transversal das diáfises das tíbias, demonstrou que se enquadram em platincemias.

5.4. Sepultura 4 (Q9)

Situava-se no lado sul da área escavada e junto ao seu limite (Figs 17 e 19).

5.4.1. Arquitectura. Era constituída por câmara, orientada no sentido poente-nascente, possuindo forma paralelepipedica e sendo escavada no substrato. Apresentava revestimento lateral, formado por esteios de calcário, dispostos de cutelo; três no lado norte e quatro no lado oposto.

Media 2,30 m de comprimento, 0,50 m de largura, no lado nascente (cabeceira) e 0,35 m no lado oposto, atingindo 0,50 m de profundidade máxima.

A câmara encontrava-se repleta de terra e era coberta por quatro lajes de calcário e alguns blocos, de pequenas dimensões, do mesmo material.

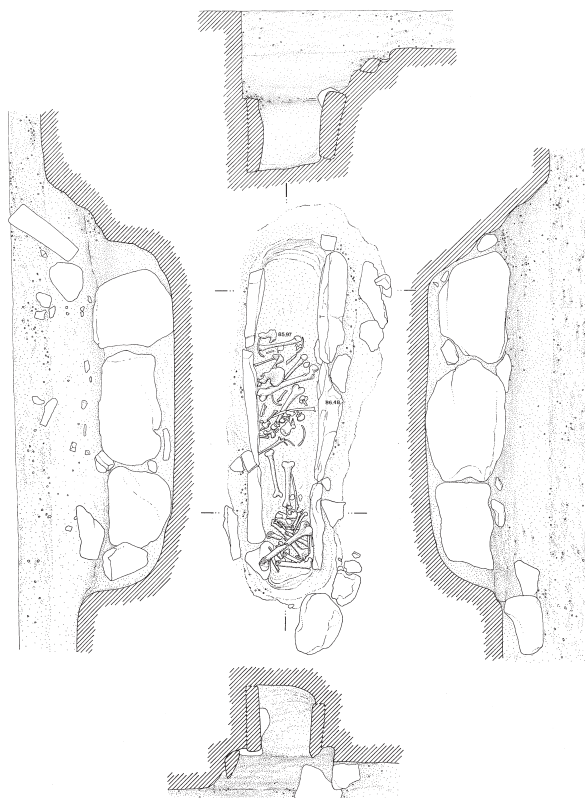


Fig. 17 – Planta e cortes da sepultura 4, da necrópole do Padrão (lev. C. Gaspar).



Fig. 19 – Vista, de noroeste, da sepultura 4, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXI/94-35).

5.4.2. Espólio osteológico. Sobre os esteios de cobertura da metade nascente detectou-se conjunto de ossos humanos pertencentes a diversos indivíduos, nomeadamente três fragmentos de calotes cranianas e alguns ossos longos, constituindo ossuário (Fig. 18).

Também o interior da câmara mostrou amontoado de ossos humanos no lado nascente e resto de esqueleto parcialmente em conexão anatómica, correspondendo ao último enterramento ali efectuado. Todavia, foram identificados, espalhados um pouco por toda a câmara, ossos humanos diversos, por certo pertencentes a inumações mais antigas e em parte removidas, para o lado nascente ou, mesmo, para o seu exterior, conforme antes referimos.



Fig. 18 – Vista, de norte, do ossuário que sobrepunha a sepultura 4 (foto M. V. Gomes, RXI/94-20).

5.4.2.1. Inumação 1 (indivíduo parcialmente em conexão anatómica) (Fig. 20)

Ossos da cabeça

Crânio. Conservou-se quase na totalidade, com ausência apenas de pequenas porções no occipital, arcada zigomática dir., frontal e parietal dir. A tábua externa apresenta certas áreas mal conservadas ou desgastadas, com exposição do tecido trabecular por efeitos tafonómicos. Algumas suturas, nomeadamente a tempero-parietal esq. e lambedoideia esq., encontram-se mal consolidadas, facto que devemos associar à compressão provocada pelo peso das terras que cobriam o cadáver, não permitindo manter a união das diversas peças osteológicas. Desta forma, os valores osteométricos estimados deverão ser considerados como aproximados. Mostra a maioria das suturas consolidadas, sendo visível na tábua externa, a coronal e a sagital de tipo labiríntico, com vestígios de apagamento entre os parietais, de grau 1 da tabela de Broca (Thillaud, 1996, p. 73). A sutura lambedoideia está igualmente consolidada e é do tipo labiríntico. Ao nível do endocrânio as suturas encontram-se totalmente consolidadas e apagadas. **Frontal.** Apresenta-se ligeiramente oblíquo, com órbitas grandes, arredondadas, e arcada supraorbitária acentuada. O perióstio oferece diversos sulcos paralelos transversais, fusiformes e de secção angular, provocados pelas condições de jazida. Nas partes ântero-laterais, esq. e dir., observam-se dois orifícios abertos *post-mortem*, com bordos irregulares. Na porção ântero-lateral do tecto da órbita do lado esq., detectam-se sinais de possível hiperostose esponjosa orbital (*criba orbitalis*). Na superfície externa do bordo e arco orbital esq. são visíveis sinais de pequenos orifícios, isolados e dispersos, possivelmente relacionados com osteoporose (Campillo, 2001, p. 286). Reconhece-se parte da espinha nasal e dos ossos próprios do nariz, aparentemente dentro dos limites da normalidade. **Parietal esq.** Mostra pequenas mutilações ao nível da sutura lambedoideia e ao longo da tábua externa. A tábua interna apresenta as suturas consolidadas e apagadas, observando-se impressões correspondentes às ramificações da artéria meníngea média, com arborização por toda a peça osteológica. **Parietal dir.** A tábua externa encontra-se em mau estado de conservação, mostrando diversas fracturas cominutivas, possivelmente por efeito da compressão das terras no interior da sepultura, tal como acentuado desgaste do perióstio. Ao nível da tábua interna são igualmente visíveis impressões correspondentes às ramificações da artéria meníngea, dentro dos limites da normalidade. **Temporal esq.** Mutilado no bordo superior da escama, osso timpanal e parte da superfície externa da apófise mastoide. Esta mostra-se desenvolvida e compatível com indivíduo adulto e do sexo masculino. **Temporal dir.** Apresenta diversas mutilações ao nível da arcada zigomática, ultrapassando esta o canal auditivo externo, bordo superior da concha, nomeadamente tempero-parietal e superfície externa da apófise mastoide. Esta apresenta

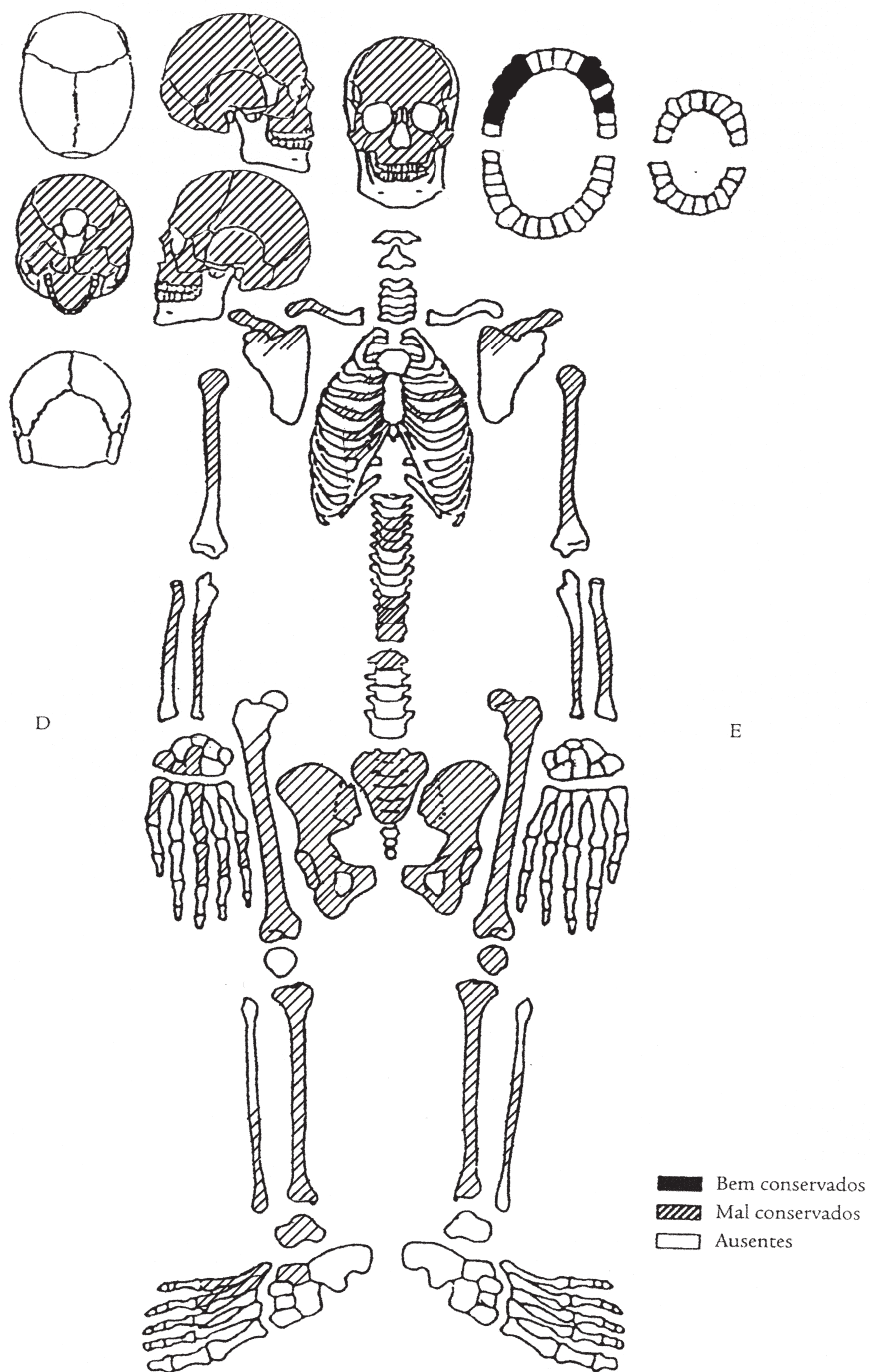


Fig. 20 – Espólio osteológico correspondente à inumação 1 da sepultura 4 (seg. L. C. Paulo).

a mesma morfologia do temporal oposto. **Esfenóide.** Mostra parte das grandes asas, com destruição completa da apófise pterigoides. **Occipital.** Apresenta protuberância occipital externa bem desenvolvida e saliente, oferecendo rugosidades musculares compatíveis com indivíduo do sexo masculino. Observam-se pequenas mutilações ao nível da superfície externa do occipital, côndilos e corpo basilar. A sutura lambdoideia é consolidada e do tipo lambiríntico, apresentando divergência ao nível do *asterion*, voltando a unir, a sensivelmente 27 mm do *lambda*. **Maxilar.** Muito mutilado ao nível das fossas nasais, parte superior do bordo alveolar e sector posterior do palato. São visíveis os alvéolos desabitados dos dentes 11, 12, 18, 21, 22, 25, 27 e 28, conservando-se os dentes do 13 ao 17 e 23, 24 e 26. Os dentes 13, 14, 15, 16, 17, 24 e 26, mostram atrição dentária muito acentuada, com exposição da dentina primária. O desgaste verificado nos dentes 13, 14 e 15 é mais acentuado no terço anterior da face oclusal e menor na restante superfície, porventura compatível com má oclusão. Os dentes 23 e 24 evidenciam ligeira rotação para a esquerda, podendo relacionar-se com a referida má oclusão. No 16 verifica-se acentuada atrição dentária, com exposição da dentina secundária e da polpa. Os dentes 17 e 26 evidenciam acentuado desgaste dentário no terço posterior da fase oclusal. Observam-se hipoplasias lineares do esmalte nos dentes 13, 14, 23 e 24. Reconheceram-se sinais de depósitos de tártaro, de baixa densidade, irregular e fino, no dente 24. Descorticação *post-mortem*, possivelmente provocada pela acção de microrganismos, no dente 26. Não se observaram cáries dentárias. No alvéolo desabitado 27, é visível cavidade, com cerca de 7 mm de diâmetro máximo, possivelmente compatível com abscesso. Devemos manter certas reservas em relação a esta identificação, devido ao mau estado de conservação do maxilar. A existência do terceiro molar e o elevado nível de atrição dentária de todos os dentes sugere indivíduo com idade entre os 35 e os 40 anos.

N.º	Ântero-posterior	Transversal	Altura
13	8	7	9
14	8	7	6
15	9	7	4
16	1	9	2
17	9	9	3
23	8	7	1
24	8	6	6
26	1	9	3

Medidas dos dentes (em mm).

Medidas	Valores
Comprimento máximo craniano	205
Largura máxima craniana	152
Altura basilobregmática	99
Diâmetro nasiobasilar	102
Diâmetro alvéolobasilar	92
Diâmetro nasioalveolar	74
Diâmetro bimaxilar máximo	92
Diâmetro bizigomático	–
Altura nasal (nasion– espinha nasal anterior)	52
Largura nasal	21
Largura órbita esquerda	37
Altura órbita esquerda	34
Largura órbita direita	37
Altura órbita direita	34
Comprimento do palato	–
Largura do palato	37
Diâmetro frontal mínimo	100
Curva sagital ou ântero-posterior	–
Curva frontal (<i>nasion-bregma</i>)	130
Curva parietal (<i>bregma-lambda</i>)	128
Curva occipital (<i>lambda-opistion</i>)	128
Comprimento mínimo frontal	113
Comprimento mínimo parietal	109
Comprimento mínimo occipital	92
Comprimento do orifício occipital (<i>basion-opistion</i>)	40
Largura do orifício occipital	29
Largura bi-dacrión	–
Largura máxima bi-asterion	111

Valores craniométricos (em mm).

A análise dos valores craniométricos obtidos para este indivíduo, permitiram reconhecer os seguintes índices caracterizantes do morfotipo racial: O índice cúbico do crânio (método de Manouvrier) é aproximadamente de 1353 c.c., tendo de ser considerado como valor aproximado, dado o nível de destruição e de desarticulação das diferentes peças osteológicas. O valor apurado enquadra-se nos parâmetros normais, segundo as médias de Sarasin para o sexo masculino, apesar de Martin o inserir nas microcefalias (Campillo, 2001, p. 177); O índice cefálico é de 74.14, o que corresponde a crânio dolicocefalo, nas tabelas de Broca e de Deniker (Testut e Latarjet, 1944, p. 309); O índice de altura-longitude cra-

niana é de 48.23, integrando-se nos crânios baixos, segundo as tabelas de Broca, Tunier e de Martin (Testut e Latarjet, 1944, p. 309), apesar de a sua base apresentar diversas mutilações que podem alterar os valores agora obtidos; O índice de altura-largura craniana oferece 65.13, classificando-o como tapeinocéfalo (Testut e Latarjet, 1944, p. 309); O índice orbitário apresenta 91.8, fazendo parte das órbitas megasemas (<89) (Testut e Latarjet, 1944, p. 287); O índice nasal é de 40.4, correspondendo a leptorrino (nariz delgado e estreito) (Testut e Latarjet, 1944, p. 293); O índice vertical auríclubregmático e o índice facial não são possíveis de serem determinados, devido ao nível de destruição que o crânio apresenta nos pontos osteométricos.

Mandíbula. Dois fragmentos, os quais abrangem parte do corpo mandibular, onde se observam, ainda que parcialmente, dois alvéolos indeterminados, e parte da região do mento, que se sugere saliente e desenvolvido, compatível com indivíduo do sexo masculino.

Ossos do tronco

Costelas. Múltiplos fragmentos, sobretudo da zona mesial, de lado indeterminado, pertencentes a indivíduo de idade adulta. **Vértebra cervical.** Indeterminada, apenas subsistindo a lâmina. **Vértebras dorsais.** Sete fragmentos com mutilações ao nível dos corpos e lâminas, inviabilizando a identificação. Observa-se, porém, algumas formações osteofíticas nas superfícies articulares inferiores. **Vértebras lombares.** Reconhecem-se todas, da L1 à L5, cujo nível de destruição inviabiliza a osteometria, à excepção da L4 com 26 mm de altura. Esta apresenta, no bordo superior da face anterior do corpo, formações osteofíticas. **Sacro.** Situa-se dentro dos limites da normalidade, com as vértebras sagradas soldadas, correspondendo desta forma a indivíduo de idade superior a 30 anos. Encontra-se muito mutilado e o seu estado actual condiciona os valores osteométricos, à excepção da largura do canal sagrado, com 31 mm, e comprimento total aproximado de 126 mm.

Ossos dos membros superiores

Clavícula dir. Fragmento correspondendo à metade distal, apresentando múltiplas mutilações ao nível da epífise, pertencente a indivíduo adulto. **Omo-plata esq.** Apresenta apenas a cavidade glenoide e o acromion, ambos muito mutilados. Pertence a indivíduo de idade adulta e a altura da cavidade é de cerca de 37 mm. Salienta-se que este valor, para o sexo masculino, é igual ou superior a 37 mm, sendo que para o sexo feminino é igual ou inferior a 34 mm. **Omo-plata dir.** Fragmento, apresentando apenas a cavidade glenoide, acromion e apófise coracoide. Mede 42 mm de altura na cavidade glenoide,

sendo compatível com o sexo masculino. **Úmero esq.** Mostra mutilação, do lado externo, ao nível das epífises e do perióstio, pertencente a indivíduo de idade adulta. Mede 330 mm de comprimento máximo, 51 mm de diâmetro na cabeça, 23 mm e 20 mm de diâmetros, máximo e mínimo, medindo o ângulo de inclinação cabeça-corpo 144° . **Úmero dir.** Três fragmentos, abrangendo a cabeça, terço superior da diáfise e metade distal, compatível com o úmero anterior. Os diâmetros, máximo e mínimo, medem 23 mm e 20 mm. **Rádio esq.** Diáfise e epífise inferior, ambas muito mutiladas. **Rádio dir.** Dois fragmentos, abrangendo a epífise inferior e parte da diáfise. **Cúbito esq.** Apresenta múltiplas mutilações, sobretudo ao nível das extremidades. Mede 280 mm de comprimento máximo. **Cúbito dir.** Dois fragmentos, abrangendo a epífise superior e parte da diáfise. **Escafóide, trapézio e primeira falange**, do primeiro dedo, muito mutilados. **Metacarpo, primeira falange e três segundas falanges**, de dedo e lados indeterminados.

Ossos dos membros inferiores

Coxal esq. Evidencia mutilação ao nível do perióstio e da crista ilíaca, a qual se apresenta bem consolidada, com apagamento da linha de sinostização. Mostra cavidade cotiloideia dentro dos limites da normalidade, chanfradura ciática maior, em V, compatível com o sexo masculino. A superfície articular da sínfise púbiana encontra-se muito degradada, não permitindo a determinação etária. Mede 155 mm de largura máxima, 245 mm de altura e 45° no ângulo da chanfradura ciática. **Coxal dir.** Muito mutilado, ao nível da parte superior do ilíaco, mostra destruição completa do isquion. Oferece o ângulo da chanfradura ciática maior em V. **Fémur esq.** Exibe diversas mutilações ao nível do perióstio, conservando linha áspera desenvolvida e evidenciando algumas rugosidades musculares. Mede 510 mm de comprimento máximo, pelo que o indivíduo teria cerca de 1,80 m de altura, segundo a tabela de Trotter e Gleser. Tem 29 mm de diâmetro ântero-posterior, 32 mm de diâmetro transversal, cerca de 87 mm de largura bicondilar, 36 mm de diâmetros ântero-posterior e transversal subtrocanterianos, e 131° no ângulo de inclinação cabeça-colo. O índice de platimeria é de 109,3, correspondendo a estenomeria. **Fémur dir.** Compatível com o fémur anterior, apresenta mutilação completa da cabeça e grande trocanter, assim como elevado nível de deterioração de todo o perióstio. Mede 29 mm de diâmetro ântero-posterior, 30 mm de diâmetro transversal e cerca de 75 mm de largura bicondilar. Apresenta 27 mm em ambos diâmetros, ântero-posterior e transversal, da diáfise. O índice de platimeria é de 96,4, correspondendo a platimeria moderada. **Rótula esq.** Mostra múltiplas mutilações ao nível dos bordos. É compatível com indivíduo de idade adulta. **Tíbia esq.** Apresenta pequenas mutilações, ao nível da epífise inferior, e alterações do perióstio, devido a

factores tafonómicos. Mede 39 mm e 29 mm nos diâmetros, ântero-posterior e transversal, respectivamente. O índice cnémico é de 74,3, correspondendo a euricnemia, ou seja, não evidencia achatamento. **Tíbia dir.** Ostenta pequenas mutilações na epífise inferior e alterações ao nível do perióstio, provocadas por factores tafonómicos. Mede 40 mm e 28 mm nos diâmetros, ântero-posterior e transversal, respectivamente. O índice cnémico é de 70,0, correspondendo a euricnemia. **Perónio esq.** Diáfise muito mutilada. **Perónio dir.** Dois fragmentos, os quais abrangem parte mesial da diáfise e o terço inferior, conservando a epífise muito deteriorada. **Escafóide e primeiro cuneiforme.** Ambos muito mutilados. **Primeiro metatarso.** Mede cerca de 64 mm de comprimento máximo. **Primeira e segunda falanges.** Pertencentes ao primeiro dedo. **Quarto e quinto metatarsos.** Mutilados na parte superior.

5.4.2.2. Ossos amontoados ou dispersos pela sepultura

Ossos da cabeça

Mandíbula. Exibe mento pouco saliente, em forma de U, com diversas mutilações, sobretudo ao nível dos alvéolos dentários e extremidades, com falta da apófise coronóide. Os ramos são rectos, com 105° de ângulo goniaco de ambos lados, compatível com o sexo feminino. O corpo mandibular apresenta sinais sugestivos de retracção alveolar, com exposição das raízes, apesar do nível de degradação do osso. Apresenta 117 mm de comprimento máximo, 70 mm de altura coronóide do lado dir., 115 mm de diâmetro bicondilar, 114 mm de largura bigonial, 48 mm de largura foramen-mentoniana, assim como 32 mm e 36 mm

N.º	Ântero-posterior	Transversal	Altura
33	8	6	5
34	7	5	5
35	8	6	5
36	11	10	5
37	10	10	4
38	10	9	5
41	7	5	5
44	7	6	4
45	8	7	4
46	10	11	5
47	10	9	5
48	9	10	5

Medidas dos dentes da mandíbula (em mm).

de largura dos ramos, esq. e dir., respectivamente. Conserva dentes, do canino ao terceiro molar inferior esq., o segundo incisivo do lado dir. e todos os pré-molares inferiores do lado dir. O 33 encontra-se muito destruído, com sinais de desgaste no lado mesial da face oclusal, o 34 e 35 mostram-se igualmente muito destruídos, com maior desgaste no lado bucal da face oclusal. O 36 e o 37 apresentam desgaste na face oclusal, com exposição de dentina do nível 2. Os dentes 41 e do 44 ao 48 oferecem, na superfície oclusal, desgaste até à dentina secundária, com fracturas pós-morte do esmalte, tal como elevado nível de degradação.

Dentes isolados. Foram identificados o primeiro incisivo inferior dir., o segundo incisivo inferior esq., o canino superior dir., os segundos pré-molares inferiores de ambos lados, o primeiro molar inferior dir. e o segundo molar inferior do lado esq. Quase todos os exemplares apresentam atrição dentária na face oclusal, de baixo nível. O 46 mostra acentuada degradação das superfícies externas, enquanto no 13 se identificam hipoplasias lineares do esmalte. **Esfenóide.** Fragmento da asa do lado esq. **Ossos do nariz.** Fragmentos muito deteriorados. **Temporal.** Fragmento mesial da apófise zigomática do lado dir.

N.º	Ântero-posterior	Transversal	Altura
13	9	8	10
32	5	5	7
35	9	7	8
37	10	12	6
41	5	6	9
45	9	8	8
46	12	13	7

Medidas dos dentes isolados (em mm).

Ossos dos membros superiores

Omooplata esq. Fragmento muito mutilado, abrangendo apenas a cavidade glenoide e parte do acromion, de indivíduo adulto. A altura da cavidade glenoide é de 42 mm. **Omooplata dir.** Muito mutilada, conservando parte da cavidade glenoide, do acromion e do bordo externo. Apresenta 37 mm de altura na cavidade glenoide, correspondendo a indivíduo do sexo masculino. **Úmero esq.** Dois fragmentos, conservando um metade da diáfise e a epífise superior e o outro apenas pequena porção da epífise inferior, muito destruída. Mede 55 mm de diâmetro na cabeça, 22 mm e 19 mm de diâmetros, mínimo e máximo, da diáfise, enquanto o ângulo de inclinação cabeça-sol é de 130°. **Úmero esq.** Metade inferior, com elevado grau de destruição do perióstio. A epífise denota sinostização completa, compatível com idade adulta. **Úmero dir.** Metade inferior, com diversas mutila-

ções ao nível do perióstio, compatível com indivíduo de idade adulta. Não foi possível o registo de valores osteométricos. **Úmero dir.** Terço inferior da diáfise, em elevado estado de deterioração, sobretudo do perióstio. **Úmero dir.** Conserva o terço superior, com mutilação completa da epífise superior, de indivíduo adulto. **Rádio esq.** Fragmento abrangendo o terço inferior da diáfise e a epífise, ambas muito mutiladas. **Rádio dir.** Compatível com indivíduo adulto, apresenta diversas mutilações ao nível da diáfise e de ambas epífises, as quais inviabilizam o registo dos seus valores osteométricos. **Cúbito esq.** Apresenta múltiplas mutilações, sobretudo ao nível das extremidades. Mede 270 mm de comprimento máximo. **Cúbito dir.** Fragmento abrangendo a diáfise e a epífise superior, com múltiplas fracturas *post-mortem*.

Ossos dos membros inferiores

Coxal esq. Fragmento muito deteriorado, contendo parte da cavidade cotiloide e da chanfradura ciática, a qual apresenta forma em V, com cerca de 40°, compatível com o sexo masculino. **Coxal dir.** Fragmento muito mutilado, conservando parte da cavidade cotiloide e porção inferior do isquion. **Fémur esq.** Fragmento correspondendo ao terço distal da diáfise e epífise inferior, compatível com indivíduo adulto, com diversas mutilações ao nível do perióstio. Apenas parte do bordo posterior é observável, sugerindo ser desenvolvido, apresentando rugosidades musculares acentuadas, pertencendo, possivelmente, a indivíduo do sexo masculino. Mede 90 mm de largura bicondilar. **Fémur esq.** Com ausência do terço distal, apresenta epífises bem consolidadas, bordo posterior pouco desenvolvido, não se observando rugosidades musculares, sendo compatível com indivíduo adulto do sexo feminino. Encontra-se muito mutilado, sobretudo ao nível do grande trocanter e da cabeça. Mostra curvatura da diáfise ligeiramente acentuada. Mede 28 mm nos diâmetros, ântero-posterior e transversal, e 133° de inclinação cabeça-sol. O índice de platimeria é 100, correspondendo a estenomeria. **Fémur dir.** Compatível com o fémur anterior, é constituído por dois fragmentos, correspondendo ao terço distal da diáfise, epífise inferior e ao terço superior da diáfise, com destruição completa da epífise superior, ostentando diversas mutilações ao nível do perióstio. A parte analisável do bordo posterior é desenvolvida, conservando rugosidades musculares acentuadas, pertencente a indivíduo adulto, possivelmente do sexo masculino. Mede 85 mm de largura bicondilar, 29 mm de diâmetro ântero-posterior e 33 mm de diâmetro transversal. O índice de platimeria é de 87,8, correspondendo a platimeria moderada. **Tíbia esq.** Dois fragmentos, um dos quais abrange a diáfise e a epífise superior, e o outro a epífise inferior, ambos oferecendo múltiplas mutilações, sobretudo ao nível do perióstio, condicionando os valores osteométricos. Mede 395 mm de comprimento máximo, 38 mm de diâmetro ântero-posterior e 27 mm de

diâmetro transversal. O índice cnémico é de 71, o que corresponde a euricnemia, ou seja, não apresenta achatamento. O indivíduo, de idade adulta, teria estatura entre 1,76 m e 1,78 m, segundo a tabela de Trotter e Gleser. **Tíbia esq.** Dois fragmentos, correspondendo um à zona mesial da diáfise e o outro à epífise superior. Pertence a indivíduo adulto. **Tíbia dir.** Metade superior da diáfise e epífise superior, apresentando mutilações várias na parte anterior da epífise. Mede 37 mm de diâmetro ântero-posterior e 28 mm de diâmetro transversal. O índice cnémico é de 75,6, correspondendo a euricnemia. **Tíbia dir.** Terço superior, com mutilação completa dos condilos, compatível com idade adulta. O elevado grau de degradação não permitiu determinar valores osteométricos. **Perónio dir.** Dois fragmentos, correspondendo a parte da diáfise e à epífise inferior, de indivíduo adulto.

5.4.2.3. Ossuário (exterior da sepultura)

Ossos da cabeça

Temporal dir. Abrange a região da apófise mastoide, apresentando-se desenvolvida. As rugosidades musculares são compatíveis com indivíduo adulto e do sexo masculino. **Temporal.** Fragmento muito mutilado. **Occipital.** Dois fragmentos, abrangendo sutura lambdoideia consolidada de tipo labiríntico, mas sem vestígios de apagamento. A protuberância occipital externa de um deles, aparentemente desenvolvida, sugere indivíduo do sexo masculino.

Ossos dos membros superiores

Cúbito dir. Três fragmentos, sendo um deles do terço superior, com mutilação parcial do olecranon e apófise coronoide. **Rádio.** Fragmento mesial da diáfise, de lado indeterminado.

Ossos dos membros inferiores

Tíbia. Fragmento muito mutilado e de lado indeterminado. **Ossos longos indeterminados.** Contaram-se 29 fragmentos.

5.4.3. Comentário

A análise antropológica e craniométrica do indivíduo correspondente à inumeração 1, caracteriza o crânio como dolicocéfalo, tapeinocéfalo, de órbitas megasemas e leptorrino, integrando-se nos parâmetros raciais dos eurocaucasianos, do tipo mediterrâneo grácil (Campillo, 2001, p. 50).

A morfologia do frontal, ligeiramente fugidio, com órbitas arredondadas e arcada supraorbital acentuada, dos temporais com apófises mastoides desenvolvidas e occipital oferecendo protuberância occipital externa, saliente e com rugosidades musculares, é compatível com indivíduo do sexo masculino.

O desenvolvimento e nível de atrição dentária sugerem que o indivíduo teria cerca de 35 a 40 anos de idade, à altura da sua morte, o que concorda com o grau de apagamento e consolidação das suturas cranianas.

Conforme referimos, o crânio apresentava diversas alterações motivadas pelas condições de jazida, condicionando de certa forma o diagnóstico patológico. Contudo, identificaram-se patologias metabólicas e odontológicas.

Na região ântero-posterior do tecto da órbita esquerda são visíveis sinais de hiperostose esponjosa orbital (*criba orbitalis*), não sendo possível determinar tal patologia na órbita oposta, causado pelo nível de destruição do tecido ósseo.

Na superfície externa do bordo e arco orbital esquerdo existem sinais sugestivos de osteoporose, constituídos por pequenos orifícios, finos, isolados e dispersos.

Ao nível odontológico identificaram-se hipoplasias lineares do esmalte nos dentes 13, 14, 23 e 24, e depósitos de tártaro, de baixo nível, no dente 24. A atrição dentária, mais acentuada no terço anterior da face oclusal dos dentes 13, 14 e 15, é compatível com má oclusão, possivelmente relacionada com a rotação mesial dos dentes 23 e 24. Na base do alvéolo desabitado do dente 27, identificou-se cavidade provavelmente relacionada com abscesso paradentário fistulizado.

O occipital apresenta osso intraparietal, variante morfológica correspondente a osso supranumerário. Alguns autores incluem estes fenómenos em caracteres epigenéticos (Campillo, 2001, p. 179).

A análise do espólio antropológico descrito e procedente do interior da sepultura 4, apesar das limitações inerentes a este tipo de estruturas funerárias, permitiu reconhecer pelo menos três indivíduos. Dois deles seriam do sexo masculino, tendo em atenção a morfologia da chanfradura ciática maior, de forma em V, com cerca de 40° de ângulo e outro correspondendo possivelmente a indivíduo do sexo feminino, denunciado pela mandíbula, que possui mento pouco saliente, em forma de U, com ambos ramos rectos, medindo cerca de 105° de ângulo goniaco.

Apesar de não nos ser possível determinar a idade precisa, aparentemente eram todos indivíduos adultos à altura da morte.

Um dos indivíduos do sexo masculino teria 35 a 40 anos, enquanto o do sexo feminino teria cerca de 30-35 anos de idade, conforme o nível de desenvolvimento e atrição dentária.

No espólio encontrado disperso no interior da sepultura, as alterações patológicas correspondem às hipoplasias lineares do esmalte, observadas no dente isolado 13 e no desgaste na face oclusal de quase todas as peças dentárias.

No corpo mandibular descrito existem sinais sugestivos de retracção alveolar, eventualmente associada a doença periodontal. Esta manifesta-se com maior incidência em indivíduos idosos e resulta da penetração de gérmes entre a

mucosa e os dentes, provocando gengivites que, ao não serem sustidas, persistem e propagam-se, afectando o osso alveolar, levando à retracção do mesmo.

Foram igualmente observadas formações osteofíticas nas superfícies articulares das lâminas de vértebras dorsais e no bordo superior da face anterior do corpo de L4.

5.5. Sepultura 5 (Qs 7 e 10)

5.5.1. Arquitectura. Localizou-se sob a sepultura 3 e foi posta a descoberto apenas a cobertura da câmara, constituída por cinco lajes e alguns blocos de calcário (Fig. 21).

Encontrava-se orientada no sentido poente-nascente e media 2,20 m de comprimento e 1,00 m de largura.

5.6. Sepultura 6 (Q13)

5.6.1. Arquitectura. Foi detectada parcialmente, através de duas lajes de cobertura da câmara e de alguns blocos, de calcário.

Encontrava-se orientada no sentido poente-nascente. O sector exumado mede 1,20 m de comprimento e 1,00 m de largura.

5.7. Sepultura 7 (Q13)

5.7.1. Arquitectura. Era constituída por câmara, com forma paralelepipedica, escavada no substrato e orientada no sentido poente-nascente, com os lados maiores revestidos por lajes de calcário, dispostas de cutelo; duas daquelas no lado norte e uma no lado oposto. Media 1,15 m de comprimento, 0,35 m de largura e 0,35 m de profundidade (Figs 22, 23, 24 e 25).

A câmara encontrava-se preenchida com terra e era coberta por três lajes de calcário, dispostas transversalmente. A sua escavação não revelou qualquer espólio e parte da metade sul desta sepultura foi sobreposta pelo *tumulus* da sepultura 8.

5.8. Sepultura 8 (Qs 10, 11, 13 e 14)

5.8.1. Arquitectura. Procedeu-se, unicamente, à decapagem deste monumento, que se situava a poente da sepultura 5 e quase aflorava ao nível do solo actual, verificando tratar-se de *tumulus*. Este oferecia planta de forma subrectangular, sendo constituído por blocos de pedra imbricados, com pequenas dimensões, sobretudo de calcário e por alguns de *opus signinum*, pertencentes a construção romana desmantelada (Figs 23 e 26).

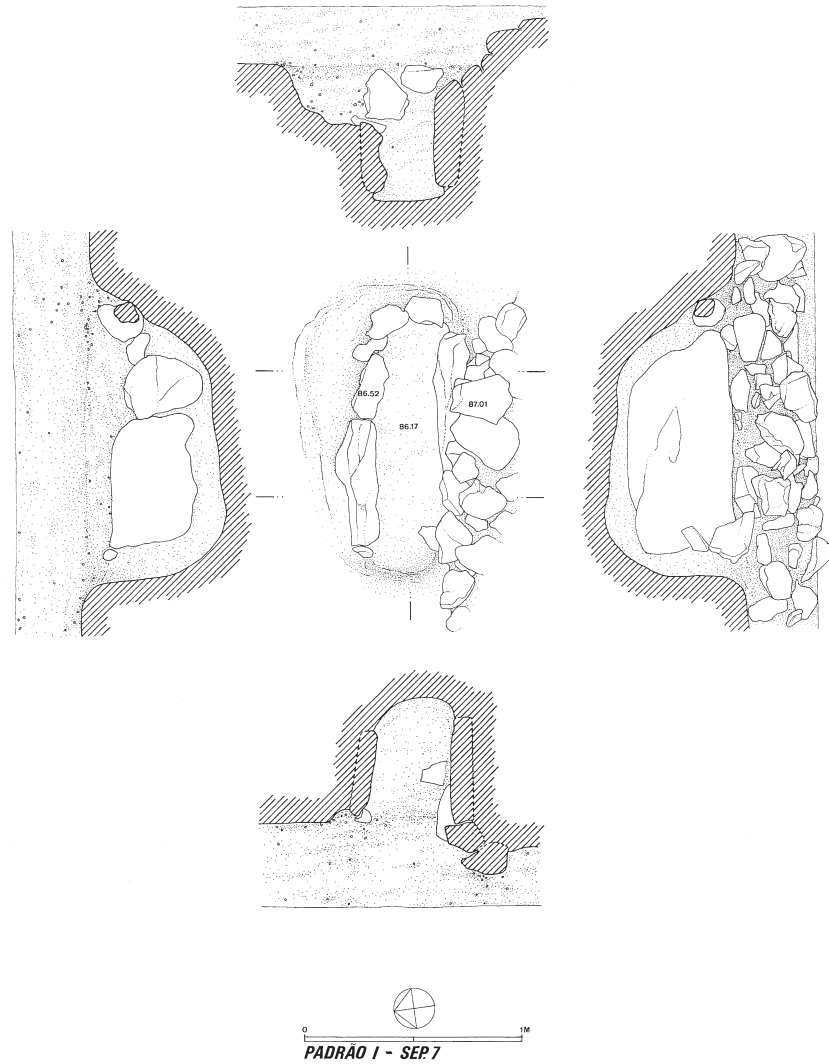


Fig. 22 – Planta e cortes da sepultura 7, da necrópole do Padrão (lev. C. Gaspar).

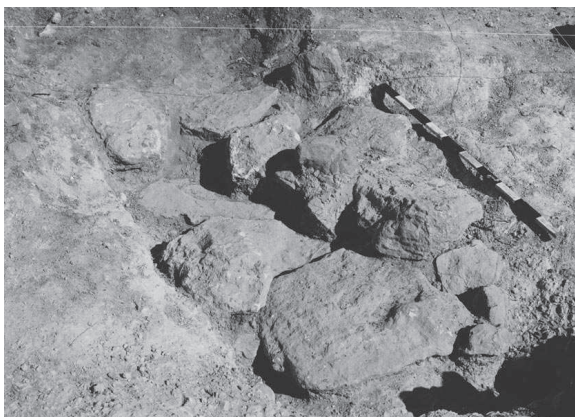


Fig. 21 – Vista, de norte, da cobertura da sepultura 5, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94/20).



Fig. 23 – Vista, de nascente, das sepulturas 7 (aberta), 8 e 9, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94-21).



Fig. 24 – Vista, de norte, da cobertura da sepultura 7, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94-33).



Fig. 25 – Vista, de norte, da câmara da sepultura 7, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94-10).



Fig. 26 – Vista, de poente, do *tumulus* da sepultura 8, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94-18).



Fig. 27 – Vista, de norte, do *tumulus* da sepultura 9, da necrópole do Padrão (foto M. V. Gomes, RXII/94-17).

O *tumulus* encontrava-se orientado, segundo o seu eixo maior, no sentido poente-nascente e mede 2,00 m de comprimento, 1,50 m de largura e 0,45 m de altura máxima. Conforme antes referimos, sobrepunha parcialmente a sepultura 7.

5.9. Sepultura 9 (Qs 11 e 15)

5.9.1. Arquitectura. Localizava-se a 0,40 m a sul da sepultura 8 e tal como aconteceu com aquela, procedemos, apenas, à decapagem do *tumulus*, que também quase atingia o nível do solo actual (Figs 23 e 27).

Verificámos tratar-se de estrutura formada por blocos de calcário, com pequenas dimensões, onde reconhecemos alguns pedaços de *opus signinum* e, até, fragmento de elemento dormente de mó manual neolítica. Blocos maiores foram utilizados nos contornos do *tumulus*.

Oferecia planta de forma sub-rectangular, orientada no sentido poente-nascente, e media 2,00 m de comprimento, 1,20 m de largura e 0,45 m de altura máxima.

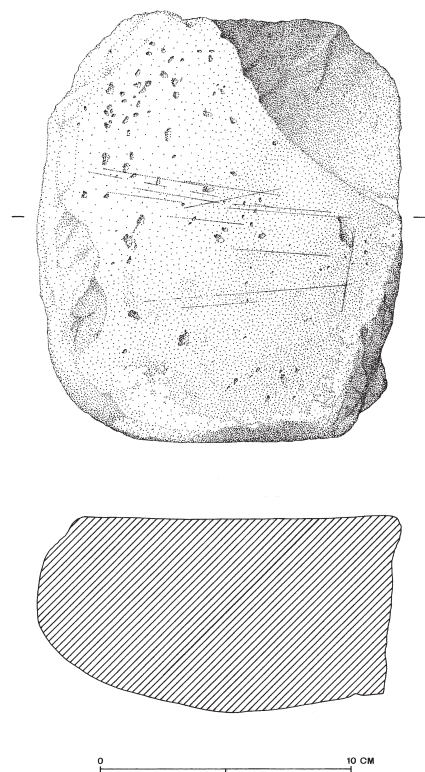


Fig. 28 – Elemento dormente de mó manual, do *tumulus* da sepultura 9, da necrópole do Padrão (des. J. Gonçalves).

5.9.2. Acervo material. É constituído, apenas, pelo fragmento de mó detectado no *tumulus*.

Mó manual. (PAD. Q15/SEP. 9-1). Fragmento correspondendo a elemento dormente, fabricado em grauvaque, de cor cinzenta escura (2.5Y 4/0). A superfície de trabalho é plana e mostra restos de picotagem e intenso polimento, resultante da sua utilização na moagem de cereais. Também ali se detetam finas incisões filiformes. O reverso, com aspecto convexo, serviu como amolador de artefacto metálico. Mede 0,170 m de comprimento, 0,140 m de largura e 0,080 m de espessura máxima (Fig. 28).

Trata-se de reutilização de artefacto procedente do contexto neolítico do local.

5.10. Sepultura 10 (Q12)

5.10.1. Arquitectura. A decapagem do terreno permitiu identificar parte do *tumulus* de sepultura, que também não escavámos, situada a, apenas, 0,30 m a sul da sepultura 9.

A estrutura referida encontrava-se melhor conservada no lado norte, onde era construída com blocos de pedra calcária da zona.

O *tumulus*, orientado no sentido poente-nascente, media 2,10 m de comprimento, 0,40 m de largura, desconhecendo-se qual a sua altura primitiva.

6. ESPÓLIO DISPERSO

6.1. Cerâmica (Fig. 29)

Panela (PAD. Q18/C2-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo e ao arranque do colo. O bordo é espessado, com secção triangular, tem a parte superior plana e o lábio em bisel. Foi fabricada com pasta pouco homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos (biotite) e feldspáticos, de grão médio e, alguns, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (2.5YR 6/8). Media 0,140 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

Panela (PAD. Q19/C2-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo e ao arranque do colo. O bordo é espessado, com perfil triangular e apresenta lábio de secção semicircular. Foi produzida com pasta não muito homogénea

nem compacta, contendo elementos não plásticos, calcários, quartzosos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes mostra cor cinzenta clara (10R 6/1) a cor-de-laranja (10R 6/8) e as superfícies oferecem engobe de cor bege amarelada (10YR 7/6). Média 0,140 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,008 m.

Prato/Tacho ? (PAD. Q19/C2-2). Fragmento correspondendo a porção do fundo. Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (2.5YR 6/8). Na superfície exterior do fundo observam-se estrias, correspondendo a círculos concêntricos incisos. A espessura média das paredes é de 0,006 m.

Inclui-se nas denominadas cerâmicas africanas comuns ou de cozinha, sendo o aspecto decorativo acima referido típico das produções tunisinas, nomeadamente da zona de Cartago, datadas entre a segunda metade do século II e o século IV. O presente fragmento pode ter pertencido a peça das formas Lamboglia 9A/Hayes 181 ou Carandini 71/Hayes 183 (Hayes, 1972, p. 200-203).

6.2. Metal

Prego (PAD. Q2/C2-1). De cobre/bronze (?), oferece cabeça plana com contorno subcircular e corpo de secção quadrangular. Mede 0,022 m de comprimento e a cabeça tem 0,018 m de diâmetro (Fig. 29).

6.3. Osso

Úmero humano (PAD. Q17/C2). Fragmento mesial da diáfise, muito mutilado e de lado indeterminado.

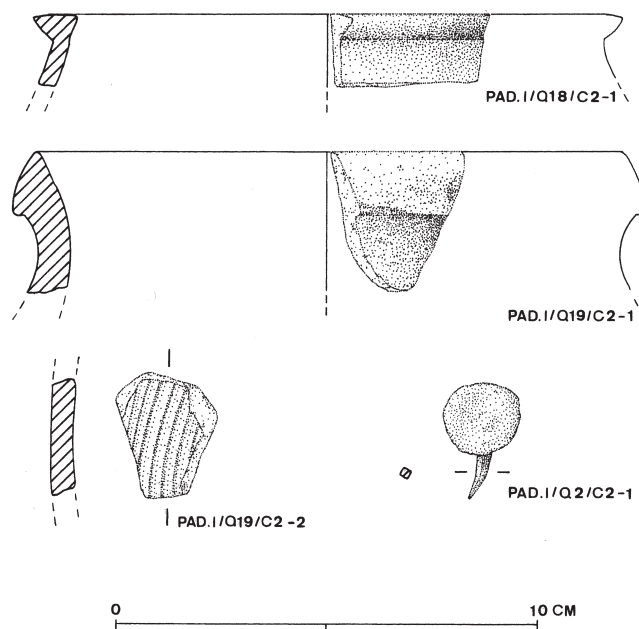


Fig. 29 – Espólio encontrado avulso, da necrópole do Padrão (des. A. Machado e J. Gonçalves).

7. DATAÇÕES ABSOLUTAS E PROCESSO HISTÓRICO

A necessidade de precisarmos, em termos temporais, a classificação da necrópole do Padrão, conduziu a que concorrêssemos ao programa de datações por radiocarbono promovido pelo IPA, em 2003, e nos tivesse sido concedido o processamento das duas amostras cujos resultados agora apresentamos (Quadro I).

As datações obtidas foram calibradas, utilizando-se para o efeito o programa CALIB 5.0 (Stuiver e Reimer, 1993) e a curva Int. Cal. 04-14C (Reimer *et al.*, 2004).

A cronologia indicada pela amostra procedente da sepultura 3 (úmero direito, tibia direita, peróneo), quando calibrada para 1 *sigma*, apresenta intervalos situados entre 684-781 cal. A.D. e 790-807 cal. A.D. ou, para 2 *sigma*, entre 674-874 cal. A.D. Esta, abrangendo o último quarto do século VII, mas alcançando o século IX, é compatível com a datação tipológica da arquitectura da necrópole, com o ritual funerário nela patente e com os escassos testemunhos da cultura material descobertos, nomeadamente as contas de vidro e o brinco, indicando população visigoda ou visigotizada.

Ref. do Laboratório	Ref. da amostra	Tipo	$\delta^{13}C$ (‰)	Idade (anos BP)	Data calibrada para 2 σ	Bibliogr.
Sac-2048	Pad./S3	Ossos humano	-20,41	1250±40	674-874 cal. A.D.	inédita
Sac-2049	Pad./S4	Ossos humano	-19,57	1140±40	779-794 cal. A.D. 800-987 cal. A.D.	inédita
UW-QIL	A.L.	Ossos humano	?	1330±50	608-780 cal. A.D. 792-805 cal. A.D.	Cunha, 2001
OxA-5439	A.C.R.	Ossos humano	-19,1	1310±50	641-783 cal. A.D. 787-824 cal. A.D. 841-861 cal. A. D.	Soares, Santos e Umbelino, 1997
OxA-5440	A.C.R.	Ossos humano	-18,7	1390±45	565-693 cal. A.D. 749-764 cal. A.D.	Soares, Santos e Umbelino, 1997
ICEN-1032	Pontes de Marchil	Ossos humano	-18,87	1420±50	543-678 cal. A.D.	inédita

Quadro I. Datações absolutas obtidas para necrópoles visigóticas do Sul de Portugal. Os valores de $\delta^{13}C$ indicam dietas predominantemente baseadas em proteínas terrestres (>95%).

Todavia, a data do esqueleto da inumação 1 da sepultura 4 (fémur), quando calibrada para 1 *sigma*, mostra os intervalos 831-836 cal. A.D. e 869-975 cal. A.D. ou, para 2 *sigma*, 779-794 cal. A.D. e 800-987 cal. A.D., correspondendo a largo intervalo. Este abrange os séculos VIII a X e, em termos históricos, aos inícios da ocupação muçulmana do Algarve.

Assim, a cronologia obtida para o último enterramento da sepultura 4, aparentemente visigótica, parece colidir com factos históricos que alteraram muitos dos comportamentos sociais e designadamente religiosos, como os seus testemunhos, nomeadamente os relativos ao ritual funerário.

Para tentarmos compreender aquela divergência existem, pelo menos, duas explicações. A primeira, e a que nos ocorre de imediato, entenderia o rejuvenescimento da datação como causado por contaminação ou por anomalia no seu processamento, enquanto a segunda conduz a aceitarmos a cronologia absoluta obtida para a amostra como correcta, atribuindo-se o enterramento a comunidade moçárabe, ali activa em pleno século VIII ou IX. Não esqueçamos que bem perto do sítio do Padrão existiu importante santuário dedicado ao mártir São Vicente, mantido e frequentado por cristãos, moçárabes, e até por muçulmanos, desde o século VIII, sendo referido, no século XII, pelo geógrafo Edrisi.

A problemática respeitante à existência e vigor cultural das comunidades moçárabes no Sul de Portugal tem vindo, recentemente, a ser estudada, tanto na sua vertente histórica como artística, por Manuel Real (1995; 1998; 2000). Acresce que cronologias absolutas, obtidas para outras necrópoles daquela mesma grande região, indicam a pervivência, em tempos de administração muçulmana, de comunidades cristãs, inseridas no mundo rural (Fig. 30). De facto, a datação para esqueleto da necrópole do Alpendre dos Lagares (Serpa), uma vez calibrada, para 2 *sigma*, indica intervalos situados em 608-780 cal. A.D. e 792-805 cal. A.D. (UW-QIL) (Cunha, 2001, p. 325), apresentando, portanto, fortes probabilidades de corresponder ao século VIII. Dedução semelhante pode ser feita para uma das datações de esqueleto (III b) da necrópole do Assento de Chico Roupa (Vila Nova de Ficalho, Serpa) (Soares, Santos e Umbelino, 1997, p. 31), onde se obtiveram intervalos de calibração, para 2 *sigma*, de 641-783 cal. A.D., 787-824 cal. A.D. e 841-861 cal. A.D. (OxA-5439). Ainda uma segunda datação, referente a outro esqueleto (III a) da mesma necrópole, mostra intervalo de calibração, para 2 *sigma*, que atinge meados do século VIII (OxA-5440). Por fim, a única datação, do reduzido conjunto existente para necrópoles visigóticas do Sul de Portugal, que corresponde à plenitude daquele período é a de Pontes de Marchil, obtida para ossos de indivíduo adulto, do sexo masculino e que indica os séculos VI ou VII. Abel Viana (1949, p. 367) relatou o achado, em 1938, de conjunto de alfinetes de osso na mesma zona, por certo procedentes de enterramento, talvez da mesma necrópole.

A questão agora abordada conta, ainda, com a datação radiocarbónica de restos osteológicos humanos, da sepultura 14, da necrópole de Talaíde (Cascais) (ICEN-793: 1130±90 B.P.) que, uma vez calibrada, apresenta intercepção em 894 cal. D.C. e o intervalo, para 2 *sigma*, de 680-1040 cal. D.C. e, portanto, situando-a nos séculos VIII a X.

Aquele espólio era acompanhado por fivela, de bronze, cujo modelo indica poder ter sido produzido no século VII ou nos inícios da centúria seguinte (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 413), reafirmando-se, assim, uma vez mais, não só a larga amplitude cronológica no que concerne à utilização destas necrópoles, como a presença de comunidades cristãs em período de pleno domínio político islâmico.

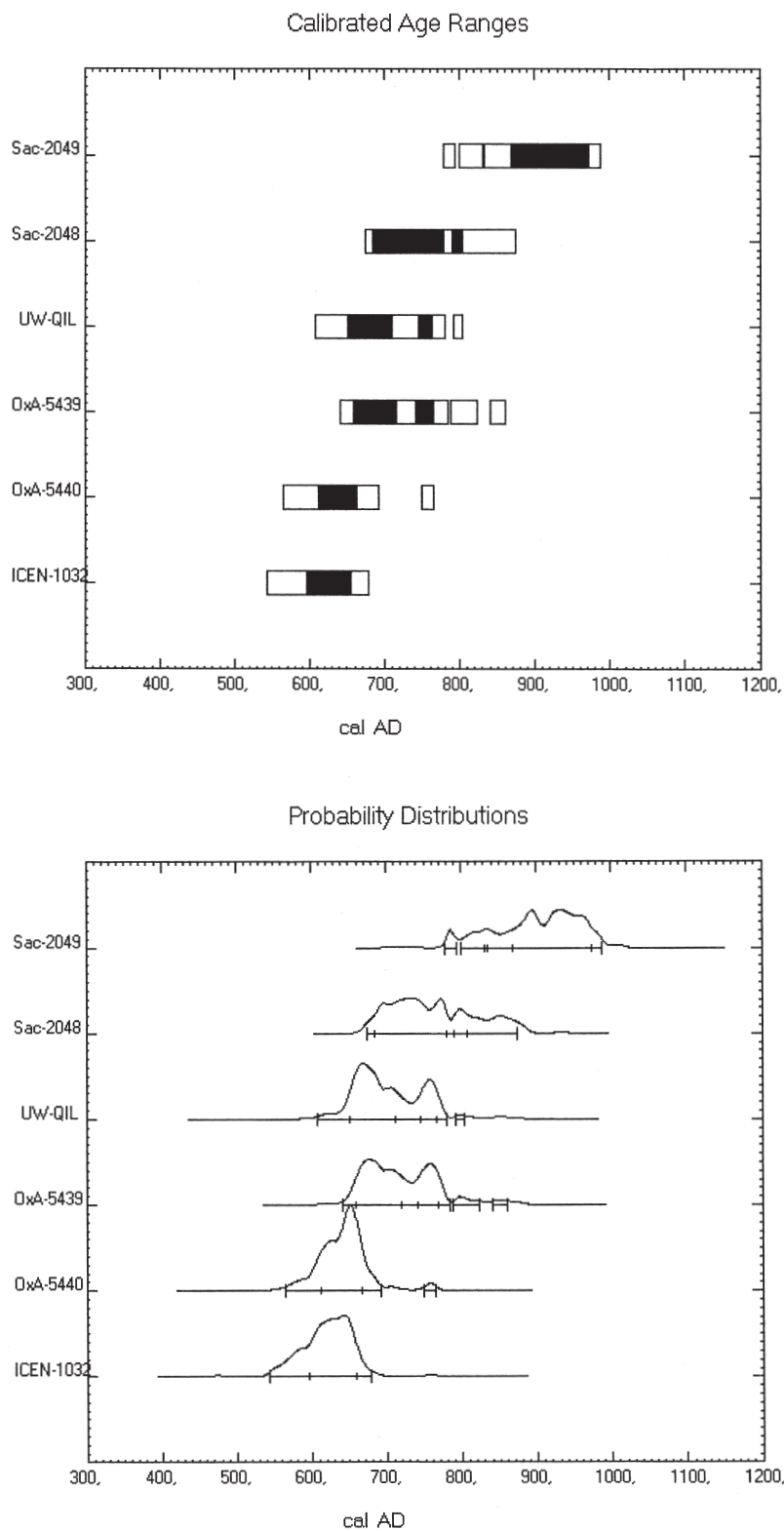


Fig. 30 – Datas calibradas para espólios osteológicos procedentes de necrópoles visigóticas/moçárabes do Sul de Portugal (seg. A. Monge Soares).

8. TOPOLOGIA E ARQUITECTURA

A necrópole de Padrão foi instalada em lugar alto e, portanto, com excelente visibilidade da envolvente, característica que também encontramos em outros cemitérios, tanto urbanos como rurais, seus contemporâneos. Não sabemos se nas suas proximidades existia algum templo, ou até um túmulo venerado, mas certamente que se situariam, não longe, *vici* ou casais agrícolas onde viveram os indivíduos nela sepultados.

Atendendo a alguns cálculos que conduziram a aceitar ser o número de pessoas correspondente a cada necrópole sete vezes maior que o número de sepultados, teríamos para a zona conhecida do cemitério em estudo, comunidade com cerca de uma centena de almas (Ardanaz Arranz, 2000, p. 287). A muito provável existência de mais sepulturas não escavadas aumentará substancialmente aquele valor, pelo que devemos aceitar encontrarmo-nos perante indivíduos procedentes de diversas explorações rurais da zona e, talvez, de aldeia.

Junto da necrópole passaria caminho que, seguindo linha de cumeadas, ligava a zona da Raposeira ao litoral (praia da Ingrina), estando hoje transformado em estrada.

Os terrenos próximos da necrópole foram, desde sempre, fortemente antropizados, ali abundando testemunhos epipaleolíticos (indústrias mirenses), neolíticos, calcolíticos, da Idade do Bronze e romanos. Estes últimos oferecem larga diacronia, identificando-se estruturas correspondentes a *villae*, situada na zona a sul da povoação da Raposeira, que entregou numismas de Cláudio II, o Gótico (269-270) e Teodósio (379-395) (Velhinho, 1994).

Grandes manchas, contendo restos de materiais construtivos dispersos, romanos e tardo-romanos, tal como cerâmicas islâmicas, podem ser observadas entre aquela povoação e as arribas litorais.

A visibilidade da necrópole, a que aludimos, deve reflectir a necessidade de criação de referências, físicas, no contexto do mapeamento perceptivo da zona, como psicológicas, funcionando aquele espaço como uma espécie de centro, polarizado pelas práticas sócio-religiosas desenvolvidas em torno do espaço sagrado em que repousavam os restos dos antepassados. Nesta perspectiva, importa referir a presença do enorme monólito afeiçoado, que denominámos menir 1 do Padrão, propositadamente conservado e talvez elemento gerador da necrópole.

De facto, julgamos ter desempenhado aspecto relevante na formação da necrópole do Padrão a existência do grande menir fálico, ali existente desde longínquos tempos neolíticos. Desde logo, causa-nos alguma surpresa a sua não reutilização, como importante fonte de matéria-prima, aplicável na construção de sepulturas, data até a escassez de lajes e de blocos com grandes dimensões ali aplicados.

A explicação para a conservação de tal monólito deve residir na complexa actividade mágico-religiosa desenvolvida pelas populações visigóticas ou visigotizadas, então recentemente convertidas ao cristianismo e onde residiam ainda fortes crenças animistas, conforme permitem apercebermo-nos os diversos éditos conciliares, disposições episcopais e outras proibições, emanadas pelo poder político e religioso de então, conotadas com o que podemos chamar «culto das pedras». Este encontrava-se ligado às diversas propriedades que lhes eram atribuídas, nomeadamente generatrizes, propiciatórias ou profilácticas.

A acção evangelizadora do Ocidente Europeu, ocorrida a partir do século IV persegue o culto prestado aos elementos naturais, árvores, fontes e pedras, considerando-se sacrílegos os bispos que os tolerassem, conforme se expressou em 452 no Concílio de Arles. Condenações idênticas observam-se no Capitulário de Childerico I (511-558), no Cânone XX do Concílio de Nantes (658), repetindo-se idênticas recomendações no Concílio de Tours (567) e de Ruão (698), onde se denuncia claramente aqueles que fazem votos às pedras. Na Península Ibérica os concílios bracarenses de 561 e 572 anatematizam os idólatras e, no mesmo século, São Martinho de Dume condena, no «*De Correctione Rusticorum*», o costume de se acenderem círios às pedras. Também os concílios toledanos de 681, 682 e 693 publicaram cânones sobre a idolatria praticada por muitos crentes que prestavam culto às pedras (*veneratores lapidum*). Estes anátemas repetem-se em diferentes Constituições dos Bispados, até ao século XVII.

Outras necrópoles coevas do Padrão foram igualmente instaladas em locais altos e visíveis a partir de larga envolvente. Por exemplo, o cemitério do Assento de Chico Roupa (Vila Verde de Ficalho, Serpa), ocupa zona da encosta nascente de pequena colina (Soares, Santos e Umbelino, 1997, p. 23), tal como a grande maioria das necrópoles que aproveitam afloramentos rochosos, visíveis a grande distância, de que as do Poço dos Mouros (Alcantarilha, Silves) ou da Forneca (São Bartolomeu de Messines, Silves) constituem exemplos.

As sepulturas identificadas na necrópole do Padrão encontravam-se edificadas segundo a orientação canónica cristã, ou seja, no sentido poente-nascente, tendo os indivíduos nelas inumados e cujos restos estudámos, sido colocados com a cabeça voltada para aquela primeira direcção.

Elas foram sendo sucessivamente alinhadas, constituindo duas fileiras paralelas, uma a poente, contendo seis monumentos, e outra, a nascente, onde contámos quatro de tais estruturas. Em ambos conjuntos encontrámos sepulturas sobrepostas.

A organização de sepulturas e de túmulos em filas paralelas, separadas por vias, mais ou menos largas, denuncia modelo tipicamente germânico (*reinheingräber*), que também observamos em necrópoles formadas por sepulturas escavadas na rocha, conforme evidencia a necrópole do Poço dos

Mouros (Silves), com três fileiras de sepulturas, e que tenderá a desaparecer, no século VIII, com a islamização (Ardanaz Arranz, 2000, p. 229; Gomes e Paulo, 2002, p. 345, 375).

No cemitério do Alto da Peça (Alcoitão, Cascais), trinta e quatro sepulturas, estruturadas e cobertas por lajes de calcário, estavam orientadas poente-nascente e integravam sete filas paralelas, a mais extensa das quais contando com sete daquelas construções (Oliveira, 1888-1892, p. 87). Também as necrópoles da Abuxarda e de Murches (Rossio Pelado) apresentavam as sepulturas dispostas de modo idêntico. Na mesma região, o cemitério de Talaíde (Cascais) ofereceu vinte e oito sepulturas orientadas poente-nascente, ao que parece formando pequenos grupos, embora não constituíssem filas rigidamente organizadas (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 410).

Mais de meia centena de sepulturas que formavam a necrópole de Padrãozinho 1 (Elvas), definiam nove linhas paralelas, encontrando-se aquelas orientadas no sentido poente-nascente (Viana e Deus, 1955). No cemitério de Santa Mariinha (Castelo de Vide), dezasseis sepulturas, orientadas poente-nascente, estavam dispostas em três filas (Rodrigues, 1978, p. 12, 13, 65, fig. 10). Com idêntica orientação das sepulturas, a necrópole de las Huertas (Pedrera, Sevilha) ofereceu cinquenta e quatro sepulturas, organizadas em seis linhas (Fernández Gómez, Oliva Alonso e García de Léaniz, 1984).

A orientação preferencial e canónica das sepulturas, no sentido poente-nascente, depositando-se os cadáveres com a cabeça voltada para aquela primeira direcção, segue importante ditame do ritual romano-cristão e não o germânico, que privilegiava a disposição norte-sul (Ripoll, 1985, p. 21). Assim, o inumado poderia observar o sol nascente e como ele acreditava-se que renasceria, sendo conduzido à vida eterna.

Na necrópole de Cacara de las Ranas (Aranjuez, Madrid) as sepulturas orientadas poente-nascente foram datadas maioritariamente nos séculos V-VI, enquanto as orientadas sudoeste-nordeste, conforme acontece no Padrão, estariam conotadas com o nascimento do Sol no solstício de Verão, pertencendo aos séculos VII e VIII (Ardanaz Arranz, 2000, p. 135).

Aquela última direcção predomina na necrópole já referida, do Poço dos Mouros, condizendo o espólio nela exumado com as observações cronológicas registadas (Gomes e Paulo, 2002, p. 372). Também na extensa necrópole de El Carpio de Tajo, onde se registaram quase três centenas de sepulturas, quase todas mostravam orientação no sentido oeste-este, de acordo com os cânones cristãos (Ripoll, 1985, p. 21).

Na necrópole de Gerena, apenas um túmulo foi orientado na direcção norte-sul, disposição que surge com frequência em cemitérios visigóticos da região de Cartagena (Fernández Gómez, Sierra Fernández e Casso de la Vega, 1987,

p. 197), ou na zona de Cuenca, conforme acontece no cemitério de Almodóvar del Pinar (Almagro Gorbea, 1970, p. 314; López Requena e Barroso Cabrera, 1994, p. 35).

Na necrópole de Segóbriga (Saelices, Cuenca), mais de duas centenas de sepulturas, oferecendo acentuado polimorfismo, dado existirem câmaras escavadas na terra ou na rocha do substrato, revestidas ou não por blocos pétreos, as orientações eram maioritariamente oeste-este, com as cabeças dos inumados dirigidas naquela primeira direcção, embora algumas estivessem edificadas no sentido noroeste-sudeste ou norte-sul (Almagro, 1975, p. 111).

As sepulturas do Padrão, também polimórficas e como não é raro acontecer em necrópoles suas contemporâneas, devem reflectir circunstâncias particulares, como a grande dificuldade na obtenção de materiais construtivos adequados, a diferença de estatutos sociais dos inumados ou, ainda, aspectos diacrónicos, provocando alterações nos rituais e estruturas funerárias.

As câmaras funerárias da necrópole do Padrão evidenciaram três tipos: a pequena fossa aberta na terra, sem qualquer revestimento, integrando o tipo I-B de G. Ripoll (1996, p. 119, 120), a fossa com as paredes revestidas por grandes telhas (*tegulae*), do tipo III-A de G. Ripoll (1996, p. 220, 221) e a fossa com as paredes revestidas por lajes ou blocos de pedra, a situação mais comum e que corresponde ao tipo VII-C da autora antes citada (Ripoll, 1996, p. 223, 224).

As fossas cujas paredes eram revestidas por lajes ou blocos de pedra mostravam cobertura do mesmo tipo, considerando-se que estas sepulturas traduzem a verdadeira tradição visigótica, enquanto que as outras formas detectadas devem reflectir a tradição romana.

As sepulturas em fossa simples, desprovidas de revestimento, como a correspondente à sepultura 3 do Padrão, são as menos comuns nas necrópoles visigóticas, embora se tenham detectado, junto com as de outros tipos em Cacera de Las Ranas (Aranjuez, Madrid), perfazendo 24,66% das conhecidas (Ardanaz Arranz, 2000, p. 224), Vega del Mar (Marbella), onde se identificaram duas (Posac e Pueras, 1989, mapa 2) ou em Gerena (Sevilha) (Fernández Gómez, Siena Fernández e Lasso de la Vega, 1987, p. 191). Em Piña de Esgueva (Valladolid), pelo menos oito sepulturas foram escavadas no solo, mostrando orientação poente-nascente (Pérez Villanueva, Tovar e Supiot, 1933).

Também na necrópole de Talaíde (Cascais), seis sepulturas eram apenas formadas por fossas escavadas no solo, embora fossem cobertas por lajes de pedra (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 408).

Os cadáveres eram inumados vestidos e, possivelmente, envoltos em mortallas ou sudários. Contudo, não se detectaram alfinetes, que prendessem as mortallas, ou pregos de caixões de madeira, de que se conhecem abundantes exemplares em algumas necrópoles do mesmo período.

Pelo menos três sepulturas do cemitério do Padrão eram cobertas por *tumuli*, construídos com pedras e alguns blocos de *opus signinum*, com forma paralelepipedica. Estas estruturas, não muito comuns em outras necrópoles contemporâneas, não só protegiam os enterramentos como os assinalavam, dando-lhes visibilidade e expressão acima do nível do solo. Entre os raros paralelos coligidos para este aspecto, conta-se a sepultura 4 do Alto de la Barilla (Cuarte, Zaragoza), com *tumulus* de terra (Beltrán Lloris, 1979, p. 567), as sepulturas 9 e 16 de El Jardinillo (Getafe, Madrid), tal como algumas de Herrera de Pisuerga, com *tumuli* apenas formados por tijolos, e de La Molineta (Murcia) (Ardanaz Arranz, 2000, p. 230; Iniesta Sanmartín e Martínez Alcalde, 2000, p. 221). *Tumulus* formado por pedras de pequenas dimensões cobria sepultura (2) escavada na rocha da necrópole de Las Lastras de San José (Albalate del Arzobispo, Teruel), com cronologia do século VI aos inícios do século VIII (Beltrán Martínez, Paz Peralta, Ortiz Palomar, Gordillo Azuara e Royo Lasarte, 2004, p. 20) (Fig. 31).



9. CULTURA MATERIAL

Entre os raros testemunhos de artefactos proporcionados pela área e sepulturas escavadas da necrópole do Padrão, evidenciou-se o conjunto de seis contas de pasta vítrea que constituíam colar, colocado ao pescoço de criança ali inumada (sep. 1).

Observa-se, de imediato, que aquele adorno, certamente também com funções apotropaicas, conforme acontece com os colares de contas, em especial de vidro e em todas as idades e latitudes, era formado por elementos mostrando significativas diferenças formais e dimensionais. De facto, ali se reconhecem dois grandes tipos de contas: uma tubular, muito pequena, e as cinco de forma esférica achatada e bem maiores. No entanto, se três destas são muito semelhantes entre si, uma mostra pequenas aplicações hemisféricas, conferindo-lhe aspecto exótico e raridade, enquanto outra apresenta gomos ou galões, diferenciando-se das restantes.

A conta pequena deveria intercalar com duas das maiores, permitindo, talvez com outras idênticas, melhor articulação do colar.

As pequenas contas cilíndricas ou tubulares, em geral com não mais de 4 mm de diâmetro, foram comuns no mundo romano a partir do século II, sendo também muito conhecidas no cemitérios germânicos e do período da expansão desses povos na Europa (séculos VI-VII) (Guido, 1978, p. 92, 94, 95).

As contas de pasta vítrea, de cor amarela torrada, mas translúcidas, castanha escura ou negra, foram sobretudo produzidas depois do século V, tal como as que apresentam aplicações, sendo muito do gosto das populações da Europa Central, tendo com elas alcançado o Sudoeste Peninsular (Guido, 1978, p. 100, 101).

Fig. 31 – Principais necrópoles visigóticas identificadas na Península Ibérica (a localização é aproximada). 1 – Poço dos Mouros (Silves); 2 – Retorta (Loulé); 3 – Torre de Apra (Loulé); 4 – Bensafrim (Lagos); 5 – Alcaria (Monchique); 6 – Padrão (Vila do Bispo); 7 – Barranco da Alcaria (Aljezur); 8 – Tavira (Tavira); 9 – Mértola (Mértola); 10 – Beja (Beja); 11 – Terrugem (Elvas); 12 – Chaminé (Elvas); 13 – Padrãozinho (Vila Viçosa); 14 – Vaiamonte (Monforte); 15 – Silveirona (Estremoz); 16 – Santa Marinha (Castelo de Vide); 17 – Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide); 18 – Alto da Peça (Cascais); 19 – Abuxarda (Cascais); 20 – Murches (Cascais); 21 – Talaide (Cascais); 22 – Casais Velhos (Cascais); 23 – Pedreira (Abrantes); 24 – Albuquerque (Badajoz); 25 – Tierra de Barros (Badajoz); 26 – Cerro Muriano (Córdova); 27 – La Guardia (Jaén); 28 – Brácana (Granada); 29 – Marugán (Granada); 30 – Jávea (Alicante); 31 – Vega del Mar (Marbella); 32 – Gerena (Sevilha); 33 – Zarza de Granadilha (Cáceres); 34 – Diego Ávaro (Ávila); 35 – Santa Maria de la Cabreza (Ávila); 36 – Azután (Cáceres); 37 – El Carpio del Tajo (Toledo); 38 – Madrona (Madrid); 39 – Madrid (Madrid); 40 – Cerro de las Losas (Madrid); 41 – Colonia de Vallellano (Madrid); 42 – Los Afligidos (Madrid); 43 – El Jardinillo (Madrid); 44 – Cacara de las Ranas (Madrid); 45 – Alcalá de Henares (Madrid); 46 – Torrelaguna (Madrid); 47 – Daganzo de Arriba (Madrid); 48 – Espirido (Segóvia); 49 – Ventosilla e Tejadilla (Segóvia); 50 – Sebúlcor (Segóvia); 51 – San Miguel de Noguera (Segóvia); 52 – Alarilla (Guadalajara); 53 – Palazuelos (Guadalajara); 54 – Villel de Mesa (Guadalajara); 55 – Deza (Sória); 56 – Suellacabras (Sória); 57 – Tañine (Sória); 58 – Pamplona (Pamplona); 59 – Herrera de Pisuegra (Palência); 60 – Avellanos del Campo (Burgos); 61 – Albelda de Iregua (Logroño); 62 – Ortigosa de Cameros (Logroño); 63 – Hinojar del Rey (Burgos); 64 – Osuna (Sória); 65 – Estebanvela (Segóvia); 66 – Castiltierra (Segóvia); 67 – Padilla de Arriba (Burgos); 68 – Villajimena (Palência); 69 – Amusquilla de Esgueva (Valladolid); 70 – Piña de Esgueva (Valladolid); 71 – Castillo Tejeriego (Valladolid); 72 – Sacramenia (Segóvia); 73 – Duratón (Segóvia); 74 – Siguero (Segóvia); 75 – Coscojuela de Fontona (Huesca); 76 – Ampurias (Gerona); 77 – Las Goges (Gerona); 78 – Estagel (Rossilhão).

A conta de forma galonada, do tipo a que os autores anglo-saxónicos chamam «lotus» ou «melon bead», cujo aspecto se assemelha à das sementes da papoila dormideira (Beltrán Martínez, Paz Peralta, Ortiz Palomar, Gordillo Azuara e Royo Lasarte, 2004, p. 20), encontra abundantes paralelos em necrópoles visigóticas da Península Ibérica. Contudo, não esqueçamos que tais contas foram produzidas na Europa desde tempos pré-romanos (séculos III-II a. C.) até à Alta Idade Média, sendo muito apreciadas pelos povos germânicos, dos séculos VI-VII e Vikings (séculos X-XI). Todavia, elas terão tido maior difusão na segunda metade do século VI (Eisen, 1930; Guido, 1978, p. 100). Entregaram contas de pasta vítrea galonadas as necrópoles de Herrera de Pisuerga, Duratón, Madrona, Espirido, Segóbriga, El Carpio de Tajo, Afligidos, Camino de los Afligidos, Cortijo del Chopo, Santos de la Humosa, Las Lastras de San José, em Espanha (Maczynska, 1992; Ardanaz Arranz, 2000, p. 274), a necrópole da Abuxarda (Cascais) (Oliveira, 1888-1892, p. 89, est. III), em Portugal, e as necrópoles francesas de Villaine a Sublaines e Martels (Ardanaz Arranz, 2000, p. 274). Conta galonada, de cor negra e com linha ondulada de cor branca, foi descoberta em nível do século XI, do Castelo de Silves, devendo tratar-se de testemunho bem mais antigo, reutilizado ou talvez antes relacionado com a ocupação visigótica daquele espaço (Gomes, 2003, p. 421, 428).

Na necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo), datada nos séculos VI-VII, exumaram-se numerosas contas galonadas, tal como outras, possuindo forma esférica achatada, de cor negra e em alguns casos decoradas através de linhas onduladas de cor branca, que muito se assemelham aos exemplares da necrópole algarvia em estudo (Ripoll, 1985, p. 32). Provêm da sepultura 107 do cemitério de Cacera de las Ranas (Aranjuez), duas contas galonadas que se associavam a duas fíbulas aquiliformes, de latão, e a fivela de cinturão, de bronze, sendo datáveis na primeira metade do século VI (Ardanaz Arranz, 2000, p. 169, 268).

Naquele arqueossítio detectaram-se, ainda, contas de forma esférica achatada, nas cores verde escura, azul ou amarela escura, nas sepulturas 29 e 70 (Ardanaz Arranz, 2000, p. 66, 121, 123).

Também o brinco exumado na sepultura 3 do Padrão apresenta forma recorrente entre os encontrados em necrópoles visigóticas, embora tais adereços, formados por aros simples e com remates circulares justapostos remontem, pelo menos, ao século IV, para experimentarem grande difusão nos séculos VI e VII. Brincos com remates do mesmo tipo provêm, segundo G. Ripoll (1985, p. 34), das necrópoles de El Carpio de Tajo, Duratón, Madrona, Segóbriga, Zarza de Granadilla, Mérida, Brácana, Marugán, Campillo de Arenas, Pamplona ou de Estagel, nos Altos Pirinéus, a que devemos somar as de Cacera de las Ranas (Aranjuez), Retorta, no concelho de Loulé, e a de Talaíde, no de Cascais, onde a sepultura 12 continha três de tais adereços, tendo sido datada, através de amostra do espólio

osteológico que continha em 621 cal. D.C. e com intervalo, para calibração a 2 *sigma*, de 440-680 cal. D.C. (ICEN-729) (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 413).

Por fim, importa referir os três fragmentos de contentores de cerâmica, achados avulsamente nas terras da necrópole. As panelas encontram paralelos técnicos e formais em exemplares de Silves, procedentes da sua área urbana. Os pratos ou tachos, com fundo estriado, constituem formas comuns em contextos tardo-romanos da área meridional da Península Ibérica, tendo surgido em necrópoles (Laiz Reverte e Berrocal Caparrós, 1995, p. 168).

10. IDADE, SEXO, DIETA ALIMENTAR E MORBILIDADES

Cinco dos restos dos oito indivíduos identificados na necrópole do Padrão pertenciam a adultos, com idades superiores a 25 anos, um deles com 30 a 35 anos e dois outros com 35 a 40 anos, correspondendo três a crianças, com 4 a 8 anos de idade (37,5%).

Nas sepulturas 3 e 4, respectivamente, um adulto do sexo feminino e indivíduo do sexo masculino, ambos com cerca de 35 a 40 anos, apresentavam idade avançada para a época.

Na necrópole do Poço dos Mouros (Alcantarilha), onde se identificaram oito estruturas tumulares, as dimensões destas e alguns restos antropológicos recuperados, permitiram concluir que cerca de metade daquelas pertenciam a indivíduos adultos, apresentando dois deles mais de 25 anos de idade. Relativamente à mortalidade infantil, com idades compreendidas entre os quatro e seis anos, ela correspondia a cerca de 27,27% dos testemunhos, valor que se aproxima do obtido para a necrópole do Padrão (Gomes e Paulo, 2002, p. 383). Realidade algo diferente foi identificada em Serpa, onde cinco indivíduos reconhecidos detinham idades compreendidas entre 18-20 e os 60 anos (Soares, Santos e Umbelino, 1997, p. 27, 28), não se tendo descoberto inumações de crianças.

No entanto, é em necrópoles com maiores dimensões e espólio antropológico bem conservado, que melhor podemos caracterizar a paleodemografia.

Na necrópole de Los Afligidos (Alcalá de Henares), a maior percentagem de mortalidade verificou-se, com mais incidência, em dois grandes grupos; no das crianças, até aos cinco anos de idade, e em adultos com idades compreendidas entre os 20-25 e até cerca dos 30 anos (Mendez Madariaga e Rascón Marques, 1989, p. 115). Na necrópole de Cacara de las Ranas (Madrid), detectou-se maior percentagem de mortalidade feminina, do grupo etário dos 20-30 anos de idade, oferecendo o grupo masculino, com idades entre os 30 e os 40 anos, a segunda maior percentagem de mortalidade.

O crânio do indivíduo correspondendo à última inumação (1) da sepultura 4 revelou características morfológicas de dolicocefalia, órbitas megasemas e índice

nasal leptorrino, isto é nariz estreito e delgado, integrando-se nos parâmetros raciais dos eurocaucasianos, de tipo mediterrâneo grácil.

As características cranianas dos indivíduos da necrópole visigótica da Silveirona (Estremoz), apresentavam igualmente tendência para a dolicocefalia, a leptorrinia, mostrando órbitas médias e altas (Cunha, 1958-59, p. 42-47). O mesmo verificou Barros da Cunha quando comparou aquele acervo com os espólios das necrópoles espanholas coevas de Albelda de Iregua (Logroño), Deza (Sória) e El Carpio de Tajo (Toledo), tendo-se estimado, naquela última, índice cefálico com o valor mínimo de 64,08 e máximo de 78,73; parâmetros onde se enquadram o índice cefálico do crânio da sepultura 4 do Padrão.

Em San Juan de Baños (Palência) prevaleciam os crânios dolicocefalos ou sub-dolicocefalos e leptorrinos (Palol, 1964, p. 38), o mesmo se verificando em Segóbriga, predominando o tipo mediterrâneo grácil, dolicocefalos, sub-dolicocefalos e leptorrinos (Almagro, 1975, p. 132, 134). Em contrapartida, em Alcalá de Henares (Madrid), as características são um pouco diferentes, continuando a constituir maioria os indivíduos dolicocefalos e hiperdolicocefalos, no entanto, com órbitas medianas (mesoconcas) e mesorrinos, entre outros atributos que se enquadram nas populações nórdicas e mediterrâneas, levando a sugerir a miscigenação das duas raças (Mendez Madariaga e Rascón Marques, 1989, p. 118).

O morfotipo racial e as características anatómicas cranianas dos indivíduos das diferentes necrópoles peninsulares sugerem a pervivência de população hispânica, mas com influências antropológicas nórdicas e/ou centro-europeias (Gomes e Paulo, 2002, p. 383).

A pequena população analisada do Padrão evidenciou, mesmo assim, algumas patologias osteoarticulares, metabólicas, traumáticas e odontológicas.

Identificámos lesões osteofíticas nas superfícies articulares superiores e inferiores de três vértebras dorsais e dos bordos dos discos do corpo de vértebra lombar, pertencente ao indivíduo da sepultura 3; aspectos sugestivos de artrose.

Os osteofitos são as formações que se detectam com maior frequência no espólio antropológico, resultando do desgaste das articulações cartilagueas, neste caso intravertebral, levando à produção de excrescências do tecido ósseo, que vão, em situações extremas, sinostisando com outras nas suas proximidades, designado nesse caso por sindesmofito. Este tipo de lesões encontra-se, muitas vezes, relacionado com patologias degenerativas, começando a desenvolver-se em média, sobretudo a partir dos 30 anos de idade e no sexo feminino, favorecidas por factores de sobrecarga, como determinadas actividades laborais (Campillo, 2001, p. 202).

A artrose vertebral surge frequentemente em espólios medievais, como se verificou na população inumada em São João de Almedina (Coimbra) (Cunha, 1997, p. 75). Em diversas comunidades visigóticas reconheceram-se lesões ver-

tebrais semelhantes, nomeadamente no Poço dos Mouros e Cacera de Las Ranas (Gomes e Paulo, 2002, p. 384; Ardanaz Arrans, 2002, p. 246).

No crânio da inumação 1 da sepultura 4 e nos fragmentos de crânio da sepultura 3, observam-se, nos tectos das órbitas esquerdas, sinais sugestivos de hiperostose esponjosa orbital (*criba orbitalis*). Caracteriza-se pelo aparecimento de conglomerados de orifícios ou sulcos, de acordo com os quatro tipos básicos definidos por Knip, predominando no terço anterior dos tectos das órbitas.

Na superfície externa do bordo e arcada orbitária esquerda do crânio da sepultura 4, também se identificaram sinais sugestivos de osteoporose.

A hiperostose esponjosa orbital e a osteoporose enquadram-se nas osteopatias anémicas que, para a maioria dos autores, constituem alterações do tecido ósseo relacionadas com anemias nutricionais ferroprivas, resultantes de dietas alimentares carenciadas em ferro e/ou precárias condições de higiene (Paulo, 1999, p. 262). Esta patologia a par das hipoplasias do esmalte e as linhas de Harris, constituem indicadores de *stress*, definido este por distúrbios fisiológicos resultantes de factores adversos ambientais (Cunha, 1997, p. 77).

A *criba orbitalis* foi igualmente identificada nas sepulturas 1 e 2 (inumação 1) da necrópole do Poço dos Mouros (Alcantarilha) e na 36 da necrópole paleocristã de Gerena (Sevilha), sendo esta última relacionada com a anemia de Cooley, patologia de tipo hereditário frequente nas costas mediterrânicas (Gomes e Paulo, 2002, p. 384; Campillo e Alvareda, 1987, p. 208).

No corpo da terceira vértebra lombar do indivíduo da sepultura 3 detectou-se pequena depressão compatível com a existência de nódulo de Schmorl. Esta patologia, a par das já mencionadas artroses vertebrais, podem corresponder a lesões traumáticas, resultantes de excesso de peso, ou carga, sobre os corpos vertebrais ou ao nível da região torácica.

As hérnias discais surgem após a ruptura do anel fibroso do disco intervertebral, saindo do núcleo polposo, detectando-se, com maior incidência, nos níveis inferiores da coluna cervical e lombar, pelo facto de serem as áreas de maior mobilidade e as que suportam mais peso (Campillo, 2001, p. 318).

As hérnias intracorporais geralmente denominadas de Schmorl, oferecem morfologia e dimensões variadas, dispostas no interior do disco, sem alcançar o conduto raquídeo.

O cálculo do índice de Cunningham das L2 e L4, classificaram as vértebras lombares do indivíduo antes referido como rectangulares. No entanto, e uma vez que não dispomos dos restantes corpos vertebrais lombares, não nos é possível estabelecer a sua relação com factores patológicos.

O tipo de lesões traumáticas mencionadas deveria ser bastante comum, sobretudo em indivíduos de idade mais avançada e em populações rurais, pelos

frequentes excessos de esforço físico que as actividades económicas exigiam, nomeadamente as práticas agrícolas.

Saliente-se, ainda, o achatamento ântero-posterior das diáfises dos fémures do indivíduo da sepultura 3 do Padrão, dado revelarem platimeria, o que, para certos autores, pode resultar de condições patológicas, como a osteoartrite e a osteoperiostose (Brothwell, 1994, p. 89).

Em todos os enterramentos da necrópole do Padrão foi identificada parte da dentição dos diferentes inumados. No entanto, o baixo nível de conservação do espólio dentário, apenas permitiu observar hipoplasias lineares do esmalte, em dois casos, e depósitos de tártaro, somente em um dente da inumação 1 da sepultura 4.

A hipoplasia dentária corresponde a anomalia estrutural, devido a alterações de formação dos dentes. Os casos verificados no Padrão manifestaram-se ao nível do esmalte dentário (*amelogenesis imperfecta*), oferecendo tipologia linear, ou seja, formando uma ou mais linhas transversais e paralelas entre si, na coroa dos dentes afectados. Estas lesões resultam de deficiências ou carências alimentares, nomeadamente vitaminas A, C e D, ou de oligoelementos, durante a infância e a puberdade, não sendo de excluir a coexistência de factores genéticos (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998, p. 407; Campillo, 2001, p. 545; Paulo, 1999, p. 258).

O indivíduo 1 da sepultura 4 apresenta depósitos de tártaro, de baixa densidade, irregular e fino, no dente 24. Esta patologia corresponde a formação de placa bacteriana calcificada, a que se associa, frequentemente, periondotose, infecção do osso alveolar e tecidos moles, evidenciando-se pela retracção do bordo alveolar, não sendo porém possível identificar esta patologia devido à degradação do espólio analisado.

No mesmo indivíduo, o alvéolo desabitado do dente 27, evidencia parte de cavidade com cerca de 7 mm de diâmetro máximo, compatível com abscesso ou quisto dentário. Os sinais desta patologia infecciosa local surgem pela formação de cárie dentária, periondotose ou traumatismo do dente, com posterior infecção, que ao propagar-se pela polpa ao ápex, forma cavidade fistulosa, geralmente com dimensões que rondam os 5 a 15 mm (Aufderheide e Rodríguez-Martín, 1998, p. 408). Infelizmente não foi possível confirmar a causa patológica pela inexistência do dente 27. Estas inflamações provocam naturalmente dores, que desaparecem apenas aquando da extracção do dente ou pela sua mais que provável perda, situação essa que não se verificou no indivíduo estudado.

A população visigótica do Padrão praticava, muito provavelmente, dieta alimentar onde os cereais desempenhavam papel central. A preparação de farinhas realizava-se em mós manuais de pedra, que por certo soltavam elementos, integrados nos alimentos confeccionados.

Como vimos, o indivíduo da sepultura 3 e o correspondente à inumação 1 da sepultura 4, evidenciavam acentuado desgaste ou atrição dentária, resultante da ingestão de alimentos duros ou com elementos térreos aderentes. Importa sublinhar a existência de casos de hiperostose esponjosa orbital (*criba orbitalis*) compatível com anemia ferropriva, remetendo para paleodietas baseadas em cereais, normalmente pobres em ferro (Cunha, 1997, p. 78).

A inexistência de cáries dentárias, apesar do reduzido espólio antropológico disponível, poderá indicar que a alimentação desta comunidade, além de ser essencialmente à base de cereais, era deficitária em açúcares, como o mel. A mesma realidade foi detectada em Cacera de las Ranas, na qual apenas um indivíduo possuía dentes cariados, embora segundo os autores do seu estudo, eles fossem consequência de origens distintas (Ardanaz Arranz, 2000, p. 246).

Também deficiências nutritivas, em cálcio e vitaminas, encontram-se demonstradas pela existência de casos de hipoplasias do esmalte nos dentes e pelos índices de platimeria que, segundo alguns autores, é indicador dessas carências, sobretudo durante a infância e adolescência (Brothwell, 1994, p. 89; Gomes, Paulo, Ferreira e Ramos, 2002, p. 212; Paulo, 1999, p. 248).

O nível de degradação do material osteológico apenas nos fornece pequenos indícios de patologias que poderão ter sido provocadas pela actividade laboral.

De facto, o indivíduo da sepultura 3 apresenta acentuada atrição dentária ao nível dos incisivos, constituída por sulcos erosivos paralelos. Seria bastante frequente que das muitas actividades laborais se utilizassem os dentes como auxiliares das próprias mãos.

Por outro lado, a actividade que desenvolvia, e que na nossa opinião seria a agricultura, deveria com frequência carregar produtos ou objectos pesados às costas ou na região do tórax, como sugerem os sinais de entesopatia no rádio esquerdo e as lesões na coluna dorsal e, sobretudo, na lombar, onde o esforço é produzido com maior incidência. Acresce a existência de platicnemia em ambas as tíbias (tíbia platicnêmica, aplanada ou em bainha de sabre), achatamento da diáfise que, segundo alguns antropólogos, resulta de excesso de esforço físico sobre as pernas, mais precisamente da superfície de inserção tibial do músculo tibial posterior (Brothwell, 1994, p. 89; Testut e Latarjet, 1941, p. 439). Em Serpa, pelo menos dois indivíduos do sexo masculino apresentavam tíbias platicnêmicas, o mesmo se verificando em diversos indivíduos de Cacera de las Ranas (Soares, Santos, Umbelino, 1997, p. 27, 28; Ardanaz Arranz, 2000, p. 246). Saliente-se ainda a presença de platimeria verificada em ambos os fémures que, para certos autores, se deve igualmente ao desenvolvimento de intenso exercício dos membros inferiores (Testut e Latarjet, 1941, p. 426), apesar de nem sempre a platimeria e platicnemia surgirem associadas (Brothwell, 1994, p. 89).

11. RITUAL FUNERÁRIO

A totalidade das sepulturas da necrópole do Padrão corresponde a inumações, possivelmente com o corpo em *decubitus*, dorsal ou supino, e com a cabeça dirigida para poente, embora na sepultura 3 o cadáver tivesse sido colocado em *decubitus* lateral, talvez dadas as dimensões reduzidas da fossa funerária.

Aquele mostrava os braços colocados ao longo do corpo e as mãos sobre o ventre como é mais comum acontecer.

Em Cacera de las Ranas apenas quatro indivíduos, entre cerca de cento e oitenta, foram inumados em *decubitus* lateral (Ardanaz Arranz, 2000, p. 236).

Em duas sepulturas exploradas verificou-se a presença de restos osteológicos correspondendo a dois indivíduos, em cada uma delas (seps 1 e 2), enquanto na sepultura 4 contámos restos de três, existindo ainda o ossuário que jazia sobre ela.

A temática que concerne à reutilização de sepulturas, por cadáveres cuja morte não foi contemporânea, tem vindo a ser abordada por vários autores e é comumente atribuída a prática relacionada com a escassez de mão-de-obra ou de material construtivo, como com a manutenção *post-mortem* dos laços de consanguinidade e/ou familiares, aspecto que tem origens remotas e alcança os dias de hoje. De facto, desde a Pré-História que sepulturas tidas como individuais mostram, por vezes, restos de mais de um indivíduo, nomeadamente as pequenas cistas da Idade do Bronze, como tal aspecto foi muito comum na Baixa Idade Média ou na Idade Moderna.

Geralmente os restos da primeira inumação eram afastados para os pés ou cabeceira da sepultura, dando assim lugar à segunda inumação.

Na Baixa Idade Média assistiu-se a certa «vulgarização» daquela prática, conforme demonstram as necrópoles recentemente estudadas do Arrabalde ou de São Bartolomeu (Reguengos de Monsaraz) (Paulo, 1999), da ermida de São Saturnino (Sintra) (Garcia, 1997), da Quinta de São Pedro (Corroios) (Raposo e Duarte, 1995), Barreiras de Fão (Esposende) (Cunha, 1997) ou San Juan (Sória) (Casa Martinez, 1992), apenas para citarmos alguns exemplos.

Em Cacera de las Ranas (Aranjuez) contaram-se restos de seis indivíduos na mesma sepultura, assim transformada em ossuário. Alguns de tais enterramentos sugerem vínculos familiares, como os da sepultura 22, onde se identificou os restos de um homem e de uma mulher, os da sepultura 85, contendo muito provavelmente dois irmãos, e os da sepultura 104, com um homem, uma mulher e uma criança, denunciando família. As sepulturas com dois indivíduos (28) totalizaram 25,22% e as com apenas um (68) alcançaram 61,26% (Ardanaz Arranz, 2000, p. 240).

Em San Juan de Baños (Palencia), identificaram-se quatro sepulturas com pelo menos duas inumações (Palol, 1964), enquanto que em Camino de los Afligidos (Alcalá de Henares), foram encontrados oito túmulos com duas inumações

cada, e apenas um com três (Fernández-Galiano Ruiz, 1976). Na vizinha necrópole de Afligidos (Alcalá de Henares), doze sepulturas apresentavam dois indivíduos cada, uma quatro inumações, outra cinco e outra seis (Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1989).

Sepultura (5) escavada na rocha da necrópole visigótica de Las Lastras (Albatal del Arzobispo, Teruel), continha restos osteológicos de três inumações (Beltrán Martínez, Paz Peralta, Ortiz Palomar, Gordillo Azuara e Royo Lasarte, 2004, p. 21).

No cemitério do Alto da Peça (Alcoitão, Cascais) reconheceram-se, em quase todas as sepulturas, enterramentos sucessivos, em geral dois ou três, havendo uma onde se contaram restos de cinco indivíduos (Oliveira, 1888-1892, p. 87). Em Talaíde registaram-se dois enterramentos contemporâneos na mesma sepultura (sep. 6) e a sobreposição de enterramentos diacrónicos (sep. 8) (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 408).

No Alto Alentejo, a necrópole da Terrugem (Elvas) continha duas sepulturas-ossuários, onde em uma delas se contaram nove crânios e em uma outra testemunhos de dois esqueletos (Viana, 1950, figs 2, 19). No vizinho cemitério do Padrãozinho 1 (Elvas) não eram raras as sepulturas conservando restos de diversos indivíduos, havendo uma que guardava sete crânios (Viana e Deus, 1955).

No Baixo Alentejo as três sepulturas, orientadas no sentido poente-nascente, do Assento de Chico Roupa (Vila Verde de Ficalho, Serpa), receberam, cada uma delas, dois enterramentos (Soares, Santos e Umbelino, 1997, p. 23, 26, 27, 31).

Na necrópole do Alpendre dos Lagares (Serpa), identificaram-se sete sepulturas, contendo a 5 peças osteológicas de dois indivíduos, um de sexo indeterminado, com 40 a 50 anos de idade, e outro do sexo feminino, com 20 a 30 anos (Cunha, 2001, p. 322).

No Algarve, a sepultura 2 do Poço dos Mouros continha espólio osteológico correspondendo a três indivíduos (Gomes e Paulo, 2002, p. 362-369, 383).

Também na necrópole sevilhana de Gerena, algumas sepulturas guardavam espólio osteológico de mais de um indivíduo, treze delas de duas pessoas, chegando a identificar-se restos de cinco esqueletos (Fernández Gómez, Sierra Fernández e Lasso de la Vega, 1987).

Duas das sepulturas de Padrão (seps 5 e 7) foram sobrepostas por outras (seps 3 e 8), aspecto também reconhecido nas necrópoles de Duratón, Estargel e El Carpio de Tajo, entre outras, e que não se deve confundir com a reutilização daquelas construções (Ardanaz Arranz, 2000, p. 231).

Outra vertente respeita às sepulturas sobrepostas por ossuários ou depósitos secundários, como acontecia na sepultura 4 de Padrão, sobre a qual foi colocado, na sua metade nascente, denso amontoado de peças osteológicas humanas. Trata-se de prática recorrente que consiste em variante à acumulação dos ossos de

enterramentos mais antigos em ponto do interior das sepulturas e à utilização de fossas, destinadas ao mesmo efeito, no exterior das sepulturas. Os ossuários eram formados sobre sepulturas depois das câmaras funerárias se encontrarem devidamente fechadas.

A sepultura 4 da necrópole de Cuarte (Zaragoza) conservava, sobre o lado nascente da cobertura, testemunhos de três indivíduos, constituindo bom paralelo para o ossuário da sepultura 4 de Padrão (Beltrán Lloris, 1979, p. 555, 568).

Nos cemitérios de Cacara de las Ranas e de Camino de los Afligidos, detectaram-se, igualmente, ossuários, em fossa ou sobre as coberturas das sepulturas (Méndez Madariaga e Rascón Marques, 1989, p. 172; Ardanaz Arranz, 2000, p. 236, 237). Na necrópole de Talaíde (Cascais), amontoado circular de ossos, delimitado por pequenas pedras, assentava na parte inferior das lajes de cobertura da sepultura 7 (Cardoso e Cardoso, 1995, p. 408, 409).

Todas as sepulturas escavadas da necrópole do Padrão encontravam-se repletas de terra, embora desconheçamos se os cadáveres terão sido inumados aquando da sua deposição ou apenas depositados no fundo das câmaras funerárias. Devido às características da sepultura 3 daquele cemitério, uma simples fossa aberta no solo, o corpo nela depositado foi, inevitavelmente, coberto com terra.

Sep.	Forma	Orient.	Dimen. (m)	Espólio mat.	Inum.	Idade (aprox.)	Sexo	Estatura (m)	Patologias
1	Rectang.	O-E	1,20X0,40X0,45	6 contas	••	4-5 7-8	? fem.	? ?	? ?
2	Rectang. ?	O-E	1,20X0,50X0,45	-	••	5-6 >25	? ?	? ?	Hipopl. lin. do esmalte ?
3	Oval	NO-SE	1,65X0,40X0,30?	1 brinco	•	>35	fem.	1,58	Hiperostose porótica; osteofitoses; nódulo de Schmorl; entesopatia; má oclusão ou pat. laboral.
4	Rectang.	O-E	2,30X0,50X0,50	-	•••	35-40 >18 30-35	masc. masc. fem.	1,80 1,78 ?	Hiperostose porótica; hipopl. lin. do esmalte; tártaro; abscesso paradentário. ? ?
5	Rectang. ?	O-E	2,30X1,00X?	?	?	?	?	?	?
6	Rectang.	O-E	?X1,00X?	?	?	?	?	?	?
7	Rectang.	O-E	1,15X0,35X0,35	-	-	-	-	-	-
8	?	O-E	?	?	?	?	?	?	?
9	?	O-E	?	?	?	?	?	?	?
10	?	O-E	?	?	?	?	?	?	?

Quadro II – Principais características das sepulturas da necrópole do Padrão (Raposeira, Vila do Bispo) e do espólio que continham.

CONCLUSÕES

O estudo, ainda que parcial, da necrópole do Padrão, permitiu não só reconhecer a presença de significativa comunidade autóctone visigotizada, que sugere ter resistido à islamização, pelo menos até aos finais do século VIII ou tendo, mesmo, alcançado a centúria seguinte.

A arquitectura, o espólio e sobretudo o ritual, patente nas sepulturas escavadas, mostra bem a fusão da tradição romana-cristã com a visigótica, enquanto as datações absolutas obtidas indicam a pervivência daquela comunidade e a sua integração no mundo moçárabe. É possível que este último aspecto se deva relacionar não só com o afastamento da região em que se insere a necrópole, dos mais importantes centros urbanos do Barlavento, residência do poder político, administrativo, militar e religioso de então, como à sua profunda romanização mas, sobretudo, à presença, muito próxima, do santuário onde se prestava culto às relíquias do mártir São Vicente, nascido em Saragoça e morto em Valência, em Janeiro de 304. À *ecclesia corvorum S. Vincentii*, fundada em meados do século VIII, mas possivelmente herdeira de templo visigótico, acorriam, segundo se depreende de texto de Edrisi (século XII), cristãos e muçulmanos (Gomes e Silva, 1987, p. 25, 65; Saxer, 1995).

Naquele mesmo contexto, não devemos esquecer a importância de outras comunidades moçárabes em todo o Algarve, que permitiram manter a diocese ossonobense e a sua catedral de Santa Maria de Faro, cujos testemunhos têm vindo a surgir. Entre estes avulta a lápide funerária do bispo Juliano, falecido em 991, encontrada em Cacela (Dias, 1999; Barroca, 2000, p. 41-44).

Tanto a necrópole agora dada a conhecer como muitas outras do Sul de Portugal, sugerem resistência à islamização religiosa daquele território, melhor representada nas comunidades rurais, tradicionalmente mais conservadoras e menos interactivas, em termos económicos, sociais ou culturais.

Tal como se tem vindo a registar em outras necrópoles visigóticas, apenas os enterramentos femininos mostraram espólio (brinco e contas de vidro), devendo-se assinalar a ausência de artefactos e/ou de adereços na maioria das sepulturas, indicando população com fracos recursos económicos ou ditames de carácter sócio-religioso. No entanto, constitui prática pouco corrente, ou escassamente registada, a edificação de *tumuli*, de pedras e terra, com forma paralelepípedica, sobre as fossas funerárias, demonstrando maior investimento na sua construção e a vontade de melhor assinalar as sepulturas.

Certamente que a escavação integral da necrópole do Padrão permitirá alargar os conhecimentos sobre a comunidade que ali inumou os seus mortos e as problemáticas agora afloradas.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. (1975) – *La Necrópolis Hispano-Visigoda de Segobriga. Saelices (Cuenca)*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1970) – Hallazgos de época visigoda en Almodóvar del Pinar (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 27, p. 311-326.
- ARDANAZ ARRANZ, F. (2000) – *La Necrópolis Visigoda de Caceria de las Ranas (Aranjuez, Madrid)*. Madrid: Comunidad de Madrid.
- AUFDERHEIDE, A. C; RODRÍGUEZ-MARTÍN (1998) – *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARROCA, M. J. (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Corpus Epigráfico Medieval Português; II: 1).
- BELTRÁN LLORIS, M. (1979) – Memoria de las excavaciones arqueológicas en la necrópolis hispano-visigoda del Alto de la Barrilla (Cuarter-Zaragoza), 1975. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 6, p. 543-580.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A.; PAZ PERALTA, J. A.; ORTIZ PALOMAR, E.; GORDILLO AZUARA, J. C.; ROYO LASARTE, J. (2004) – Las Lastras de San José (Albalate del Arzobispo, Teruel). La necrópolis visigoda e hispano-visigoda (siglo VI-años 711/714). *Cauce*. Ariño. 16, p. 14-29.
- CAMPILLO, D. (2001) – *Introducción a la Paleopatología*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- CAMPILLO, D.; ALVAREDA, M. J. (1987) – Estudio de los restos humanos procedentes de la necrópolis paleocristiana de Gerena, Sevilla (siglos V-VI). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 19, p. 201-210.
- CARDOSO, G; CARDOSO, J. L. (1995) – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaide (Cascais). Estudo preliminar. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. p. 407-414. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- CASA MARTINEZ, C. (1992) – *Las Necropolis Medievales de Soria*. Valladolid: Junta de Castilla y León.
- CUNHA, A. X. da (1958-59) – Algumas populações da época suévico-bizantina do Sul de Portugal e da Espanha. *Bracara Augusta*. Braga. 9-10, p. 41-49.
- CUNHA, E. (1997) – Populações medievais portuguesas (séculos XI-XV). A perspectiva paleobiológica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 57-83.
- CUNHA, E. (2001) – Bioarqueologia em Serpa: o caso da necrópole do Alpendre dos Lagares. *Conimbriga*. Coimbra. 40, p. 319-325.
- CUNHA, J. G de B. e, (1940) – A população visigótica em Portugal. Observações sobre alguns crânios masculinos provenientes do cemitério da Silveirona. In *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. I, p. 685-702.
- DIAS, M. N. A. (1999) – Sobre o epitáfio de Juliano, Bispo (caceia, 978 d. C. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6, p.11-18.
- EISEN, G. A. (1930) – Lotus and melon-beads. *American Journal of Archaeology* Princeton. 2.^a série, 34.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; SIERRA FERNÁNDEZ, J. A. de la; LASSO de la VEGA, M. G. (1987) – La basílica y necrópolis paleocristianas de Gerena (Sevilla). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 19, p. 103-199.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; OLIVA ALONSO, D.; GARCÍA DE LÉANIZ, M. p. (1984) – La necrópolis tardorromana-visigoda de «Las Huertas», en Pedrera (Sevilla). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 19, p. 271-387.
- GARCIA, C. T. (1997) – Ermida de São Saturnino: Breve nota de uma escavação arqueológica na serra de Sintra. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 85-101.
- GOMES, M. V. (1989) – Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 225-269.
- GOMES, M. V. (1994) – Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português. Trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.

- GOMES, M. V. (1997) – Megalitismo do Barlavento Algarvio. Breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 174-190.
- GOMES, M. V.; SILVA, C. T. da (1987) – *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.
- GOMES, M. V.; PAULO, L. C. (2002) – A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 339-391.
- GOMES, M. V.; PAULO, L. C., FERREIRA, S. D.; RAMOS, J. (2002) – Sepultura da Idade do Bronze do Sobreiro (Mato Serrão, Lagoa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 191-218.
- GOMES, R. V. (2003) – *Silves (Xelb) uma Cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GUIDO, M. (1978) – *The Glass Beads of the Prehistoric and Roman Periods in Britain and Ireland*. Londres: Thames and Hudson.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery. A Catalogue of Roman Fine Wares*. Londres: British School at Rome.
- HILLSON, S. (1996) – *Teeth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- INIESTA SANMARTÍN, Á.; MARTÍNEZ ALCALDE, M. (2000) – Nuevas excavaciones en la necrópolis tardorromana de La Molineta (Puerto de Mazarín, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 16, p. 199-224.
- LÓPEZ REQUENA, M.; BARROSO CABRERA, R. (1994) – *La Necrópolis de la Dehesa de la Casa. Una Aproximación al Estudio de la Época Visigoda en la Provincia de Cuenca*. Cuenca: Diputación Provincial.
- MACZYNSKA, M. (1992) – Westgotische perlen. *Madrid Mitteilungen*. Madrid. 33, p. 145-183, 10 figs, ests 24-27.
- MÉNDEZ MADARIAGA, A.; RASCÓN MARQUES (1989) – *Los Visigodos en Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares: Taller Escuela de Arqueología y Rehabilitación.
- OLIVEIRA, F. de P. e (1888-1892) – Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 2, p. 82-108.
- PALOL, P. (1964) – *Excavaciones en la Necropolis de San Juan de Baños (Palencia)*. Madrid: Ministerio de Educacion Nacional.
- PAULO, L. C. (1999) – *Estudo do Espólio Osteológico da Necrópole de São Bartolomeu (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- PÉREZ VILLANUEVA, J.; TOVAR, A.; SUPIOT, J. (1933) – Avance de estudio sobre la necrópolis visigoda de Piña de Esgueva. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 1, p. 253-269.
- POSAC, C.; PUERTAS, R. (1989) – *La Basílica Paleocristiana de Vega del Mar (San Pedro de Alcántara, Marbella)*. Málaga: Diputación Provincial.
- RAPOSO, J.; DUARTE, A. L. (1995) – Intervenção arqueológica na Quinta de São Pedro (Corroios, Seixal). *Al-Madan*. Almada, II série. 4, p. 26-33.
- REAL, M. L. (1995) – Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade Cristã no Ocidente Peninsular. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans. p. 17-68.
- REAL, M. L. (1998) – Os moçárabes do Gharbe português. In *Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 35-86.
- REAL, M. L. (2000) – Portugal: Cultura visigoda e cultura moçárabe. *Anejos de Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 23, p. 21-75.
- REIMER, P. J. et al. (2004) – *Radiocarbon*. Tucson. 46, p. 1029-1058.
- RIPOLL, G. (1985) – *La Necrópolis Visigoda de El Carpio de Tajo (Toledo)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- RIPOLL, G. (1996) – La arquitectura funeraria de Hispania entre los siglos V y VIII: aproximación tipológica. In *Spania. Estudios d'Antiquitat Tardana Oferts en Homenage al Professor Pere de Palol I Salellas*. Barcelona: Abadia de Montserrat. p. 215-224.
- RODRIGUES, M. da C. M. (1978) – *Sepulturas Medievais no Concelho de Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.

- SAXER, V. (1995). Le culte de S. Vicent dans la Péninsule Hispanique avant l'an mil. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans. p. 141-149.
- SOARES, A. M.; SANTOS, A. L., UMBELINO, C. (1997) – A necrópole paleocristã do Assento de Chico Roupa (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 23-33.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993)– Extended ¹⁴C data base and revised CALIB. 3.0 ¹⁴C calibration program. *Radiocarbon*. Tucson. 35, p. 215-230.
- TESTUT, L.; LAIARJET, A. (1944) – *Tratado de Anatomía Humana*. Barcelona: Salvat Editores.
- UBELAKER, D. (1996) – *Human Skeletal Remains. Excavation, Analysis, Interpretation*. 2nd ed. Washington: Smithsonian Institution.
- VELHINHO, J. (Nov.1994) – Descoberta inédita! O balneário da vila romana da Raposeira?. *Correio de Lagos*. Lagos. p. 20.
- VIANA, A. (1949) – Restos de Osso noba, no Largo da Sé, em Faro. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 3: 39-40, p. 359-373, 10 figs.
- VIANA, A. (1950) – Contribuição para a Arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12, p. 289-322.
- VIANA, A.; DEUS, A. D. de (1955) – Nuevas necrópolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 28, p. 33-68.